JORNAL DAS MOÇAS

ANNO 2 N.º 33
RIO 15 DE SETEMBRO
1915

400 Rs.

Mlle. Maria de Lourdes Meira

SARAU DA MODA

C. de Carvalho—*Maria Luiza* (valsa Boston . . . 1$000
Constantino Filho—*Baiser du femme* (schottisch) 1$000
Christo—*Traduzindo amôres*, (schottisch) . . . . 1$000
Cosntantino Filho — *Enguiçou*, (polka) . . . . . 1$000
Bulhões—*Sapéca* (polka) . . . . 1$000
Louro—*Muleque Vagabundo* (tango) . . . . 1$500
J. Silva—*Veruta y Chicharron*, (tango argentino) . 1$000
L. Corrêa—*Capanga* (one-step) . . . . 1$000

CONFISSÕES DE UMA VIUVA MOÇA

III

Decorreu um mez.

Não houve durante esse tempo mudança alguma em casa. Nenhuma carta appareceu mais, e a minha vigilancia, que era extrema, tornou-se de todo inutil.

Não me podia esquecer o incidente da carta. Se fosse só isto! As primeiras palavras voltam-me incessantemente á memoria; depois, as outras, as outras todas. Eu tinha a carta de cór!

Lembras-te? Uma das minhas vaidades era ter a memoria feliz. Até neste dote era castigada. Aquellas palavras atordoavam-me, faziam-me arder a cabeça. Porque? Ah! Carlota! é que eu achava nellas um encanto indefinivel, encanto doloroso porque era acompanhada de um remorso, mas encanto de que eu me não podia libertar.

Não era o coração que se empenhava, era a imaginação.

A imaginação perdia-me; a lucta do dever e da imaginação é cruel e perigosa para os espiritos fracos. Eu era fraca. O mysterio fascinava a minha fantasia.

Emfim, os dias e as diversões puderam desviar o meu espirito d'aquelle pensamento unico. No fim de um mez, se eu não tinha esquecido inteiramente o mysterioso e a carta delle, estava, todavia, bastante calma para rir de mim e dos meus temores.

Na noite de uma quinta-feira, achavam-se algumas pessoas em minha casa, e muitas das minhs amigas, menos tu. Meu marido não tinha voltado, e a ausencia delle não era notada nem sentida, visto que, apezar de franco cavalleiro como era, não tinha o dom particular de um conviva para taes reuniões.

Tinha-se cantado, tocado, conversado; reinava em todos a mais franca e expansiva alegria; o tio da Amelia Azevedo fazia rir a todos com as suas excentricidades; a Amelia arrebatava bravos a todos com as notas da sua garganta celeste; estavamos em um intervallo, esperando a hora do chá.

Annunciou-se meu marido.

Não vinha só. Vinha ao lado delle um homem alto, magro, elegante. Não pude conhecel-o. Meu marido adiantou-se, e no meio do silencio geral veio apresentar-m'o.

Ouvi de meu marido que o nosso conviva chamava-se Emilio ***.

Fixei nelle um olhar e retive um grito.

Era "elle"!

Meu grito foi substituido por um gesto de sorpreza. Ninguem percebeu. Elle pareceu perceber menos qu ninguem. Tinha os olhos fixos em mim, e com um gesto gracioso dirigiu-me algumas palavras de lisongeira cortezia.

Respondi como pude.

Seguiram-se as apresentações, e durante dez minutos houve um silenco de acanhamento em todos.

Os olhos voltavam-se para o recemcheado. Eu tambem voltei os meus e pude reparar naquella figura em que tudo estava disposto para attrahir as attenções: cabeça formosa e altiva, olhar profundo e magnetico, maneiras elegantes e delicadas, certo ar distincto e proprio que fazia contraste com o ar affectado e prosaicamente medido dos outros rapazes.

Deves saber que ha duas especies: rapazes elegantes e rapazes enfeitados. Emilio era da familia dos primeiros; os outros todos pertenciam á tribu dos ultimos.

Este exame de minha parte foi rapido. Eu não podia, nem me convinha encontrar o olhar de Emilio. Tornei a abaixar os olhos e esperei anciosa que a conversação voltasse de novo ao seu curso.

Meu marido encarregou-se de dar o tom. Infelizmente era ainda o novo conviva o motivo da conversa geral.

Soubemos então que Emilio era nortista, filho de pais opulentos, que recebera uma esmerada educação na Europa, onde não houve um só recanto que não visitasse.

Voltára ha pouco tempo ao Brasil, e antes de ir para o seu Estado tinha determinado passar algum tempo no Rio de Janeiro.

Foi tudo quanto soubemos.

Vieram as mil perguntas sobre as viagens de Emilio, e este, com a mais amavel solicitude, satisfazia a curiosidade geral.

Só eu não era curiosa. E' que não podia articular palavra. Pedia interiormente a explicação deste romance mysterioso, começado em um corredor do theatro, continuado em uma carta anonyma e na apresentação em minha casa por intermedio de meu proprio marido.

De quando em quando levantava os olhos para Emilio e achava-o calmo e frio, respondendo polidamente ás interrogações dos outros e narrando elle proprio, com uma graça modesta e natural, algumas das suas aventuras de viagem.

Correu-me uma idéa. Seria realmente elle o mysterioso do theatro e da carta? Pareceu-me ao principio que sim, mas eu podia ter-me enganado; eu não tinha as feições do outro bem presentes á memoria; parecia-me que as duas creaturas eram uma e a mesma; mas não podia explicar-se o engano por uma semelhança miraculosa?

De reflexão em reflexão, foi-me correndo o tempo, e eu assistia á conversa de todos como se não estivesse presente. Veio a hora do chá. Depois cantou-se e tocou-se ainda. Emilio ouvia tudo com attenção religiosa e mostrava-se tão apreciador do gosto como era conversador discreto e pertinente.

No fim da noite tinha captivado a todos. Meu marido, sobretudo, estava radiante. Via-se que elle se considerava feliz por ter feito a descoberta de mais um amigo para si e um companheiro para as nossas reuniões de familia.

Emilio saiu promettendo voltar algumas vezes.

Quando eu me achei a sós com meu marido, perguntei-lhe:

— D'onde conheces este homem?

— E' uma perola, não é? Foi-me apresentado no escriptorio ha dias; sympathisei logo; parece ser dotado de boa alma, é vivo de espirito e discreto como o bom senso. Não ha ninguem que não goste delle...

E como eu estivesse séria e calada, meu marido interrompeu-me e perguntou-me:

— Fiz mal trazel-o aqui?

— Mal por que? perguntei eu.

— Por cousa nenhuma. Que mal havia de ser? E' um homem distincto...

Puz termo ao novo louvor do rapaz, chamando uma criada para dar algumas ordens.

E retirei-me para o meu quarto.

O somno desta noite não foi o sonho dos justos, pódes crer. O que me irritava era a preoccupação constante em que eu andava depois deste acontecimento. Já eu não podia fugir inteiramente a essa preoccupação: era involuntaria, subjugava-me, arrastava-me. Era a curiosidade do coração, esse primeiro signal das tempestades em que succumbem a nossa vida e o nosso futuro.

Parece que aquelle homem lia na minha alma e sabia apresentar-se no momento mais proprio a occupar-me a imaginação como uma figura poetica e imponente. Tu, que o conheceste depois, diz-me se, dadas as circumstancias anteriores, não era para produzir esta impressão no espirito de uma mulher como eu!

Como eu, repito. Minhas circumstancias eram especiaes, se não o soubeste nunca, suspeitaste-o ao menos.

Se meu marido tivesse em mim uma mulher, e eu tivesse nelle um marido, minha salvação era certa. Mas não era assim. Entrámos no nosso lar nupcial como dois viajantes estranhos em uma hospedaria, e aos quaes a calamidade do tempo e a hora avançada da noite obrigam a acceitar pousada sob o tecto do mesmo aposento.

Meu casamento foi resultado de um calculo e de uma conveniencia. Não inculpo meus paes. Elles cuidavam fazer-me feliz e morreram na convicção de que o era.

Eu podia, apezar de tudo, encontrar no marido que me davam um objecto de felicidade para todos os meus dias.

Bastava para isso que meu marido visse em mim uma alma companheira de sua alma, um coração socio do seu coração. Não se dava isto; meu marido entendia o casamento ao modo da maior parte da gente; via nelle a obediencia ás palavras do Senhor no Genesis.

Fóra disso, fazia-me cercar de certa consideração e dormia tranquillo na convicção de que havia cumprido o seu dever.

O dever! esta era a minha taboa de salvação. Eu sabia que as paixões não eram soberanas e que a nossa vontade póde triumphar dellas. A este respeito eu tinha em mim forças bastantes para repellir idéas más. Mas não era o presente que me abafava e atemorisava; era o futuro. Até então aquelle romance influia no meu espirito pela circumstancia do mysterio em que vinha envolto; e a realidade havia de abrir-me os olhos; consolava-me a esperança de que eu triumpharia de um amor culpado. Mas, poderia esse futuro, cuja proximidade eu não calculava, resistir convenientemente á paixão e salvar intactas a minha consideração e a minha consciencia? Esta era a questão.

Ora, no meio destas oscillações, eu não via a mão de meu marido estender-se para salvar-me. Pelo contrario, quando na occasião de queimar a carta, atirava-me a elle, lembras-te que elle me repellio com uma palavra de enfado.

Isto pensei, isto sinti, na longa noite que se seguiu á apresentação de Emilio.

No dia seguinte estava fatigada de espirito; mas ou fosse calma ou fosse prostração, senti que os pensamentos dolorosos que me haviam torturado durante a noite esvaeceram-se á luz da manhã como verdadeiras aves da noite e da solidão.

Então abriu-se ao meu espirito um raio de luz. Era a repetição do mesmo pensamento que me voltava no meio das preoccupações daquelles ultimos dias.

Por que temer? dizia eu commigo. Sou uma triste medrosa; e fatigo-me em crear montanhas para cahir extenuada no meio da planicie. Eia! nenhum obstaculo se oppõe ao meu caminho de mulher virtuosa e considerada. Este homem, se é o mesmo, não passa de um máo leitor de romances realistas. O mysterio é que lhe dá algum valor; visto de mais perto ha de ser vulgar ou hediondo.

IV

Não te quero fatigar com a narração minuciosa e diaria de todos os acontecimentos.

Emilio continuou a frequentar a nossa casa, mostrando sempre a mesma delicadeza e gravidade, e encantando a todos por suas maneiras distinctas sem affectação, amaveis sem fingimento.

Não sei porque meu marido revelava-se cada vez mais amigo de Emilio. Este conseguiu despertar nelle um enthusiasmo novo para mim e para todos. Que capricho era esse da natureza?

Muitas vezes interroguei meu marido ácerca desta amizade tão subita e tão estrepitosa; quiz até inventar suspeitas no espirito delle; meu marido era inabalavel.

— Que queres? respondia-me elle. Não sei porque sympathiso extraordinariamente com este rapaz. Sinto que é uma bella pessoa, e eu não posso dissimular o enthusiasmo de que me possuo quando estou perto delle.

— Mas, sem conhecel-o... objectava eu.

— Ora essa! Tenho as melhores informações; e demais, vê-se logo que é uma pessoa distincta...

— As maneiras enganam muitas vezes.

— Conhece-se...

Confesso, minha amiga, que eu podia impor a meu marido o afastamento de Emilio; mas quando esta idéa me vinha á cabeça, não sei porque ria-me dos meus temores e declarava-me com forças de resistir a tudo o que pudesse sobrevir.

Demais, o procedimento de Emilio autorizava-me a desarmar. Elle era para mim de um respeito inalteravel, tratava-me como a todas as outras, sem deixar entrever a menor intenção occulta, o menor pensamento reservado.

Succedeu o que era natural. Diante de tal procedimento não me ficava bem proceder com rigor e responder com indifferença as amabilidades.

As coisas marchavam de tal modo que eu cheguei a persuadir-me de que tudo o que succedera antes não tinha relação alguma com aquelle rapaz, e que não havia entre ambos mais do que um phenomeno da semelhança, o que aliás eu não podia affirmar, porque, como te disse não pudera reparar bem no homem do theatro.

Acontece que dentro de pouco tempo estavamos na maior intimidade, e eu era para elle o mesmo que todas as outras: admiradora e admirada.

Das reuniões passou Emilio ás simples visitas de dia, nas horas em que meu marido estava presente, e mais tarde, mesmo quando elle se achava ausente.

Meu marido de ordinario era quem o trazia. Emilio vinha no seu automovel que elle proprio dirigia, com a maior graça e elegancia. Demorava-se horas e horas em nossa casa, tocando piano ou conversando.

A primeira vez que o recebi só, confesso que tremi; mas foi um susto pueril; Emilio procedeu sempre do modo mais indifferente em relação ás minhas suspeitas. Nesse dia, se algumas suspeitas me ficaram, desvaneceram-se todas.

Nisto passaram-se dois mezes.

Um dia, era de tarde, eu estava só: esperava-te para irmos visitar teu pae enfermo. Parou um carro á porta. Mandei ver. Era Emilio.

Recebi-o como de costume.

Disse-lhe que iamos visitar um doente, e elle quiz logo sair. Disse-lhe que ficasse até á tua chegada. Ficou como se outro motivo o detivesse além de um dever de cortezia.

Passou-se meia hora.

Nossa conversa foi sobre assumptos indifferentes.

Em um dos intervallos de conversa Emilio levantou-se e foi á janella. Eu levantei-me igualmente para ir ao piano buscar um leque. Voltando para o sofá reparei pelo espelho que Emilio me olhava com um olhar estranho. Era uma transformação. Parecia que naquelle olhar estava concentrada toda a alma delle.

Estremeci.

Todavia fiz um esforço sobre mim e fui sentar-me, então mais séria que nunca.

Emilio encaminhou-se para mim.

Olhei para elle.

Era o mesmo olhar.

Baixei os meus olhos.

— Assustou-se? perguntou elle.

Não respondi nada. Mas comecei a tremer de novo e parecia-me que o coração me queria pular fóra do peito.

E' que naquellas palavras havia a mesma expressão do olhar; as palavras faziam-me o effeito das palavras da carta.

— Assustou-se? repetiu elle.

— De que? perguntei eu procurando rir para não dar maior gravidade á situação.

— Pareceu-me.

Houve um silencio.

— D. Eugenia, disse elle sentando-se; não quero por mais tempo occultar o segredo que faz o tormento da minha vida. Fôra um sacrificio inutil. Feliz ou infeliz, prefiro a certeza da minha situação. D. Eugenia, eu amo-a.

Não te posso descrever como fiquei ouvindo estas palavras. Senti que empallidecia; minhas mãos estavam geladas. Quiz fallar; não pude.

Emilio continuou:

— Oh! eu bem sei a que me exponho. Vejo como este amor é culpado. Mas, que quer? E' a fatalidade. Andei tantas leguas, passei á ilharga de tantas bellezas, sem que o meu coração pulsasse. Estava-me reservada a ventura rara ou o tremendo infortunio de ser amado ou desprezado pela senhora. Curvo-me ao destino. Qualquer que seja a resposta que eu possa obter, não recuso, acceito. Que me responde?

Emquanto elle fallava, eu podia, ouvindo-lhe as palavras, reunir algumas idéas. Quando elle acabou levantei os olhos e disse:

— Que resposta espera de mim?

— Qualquer.

— Só pode esperar uma...

— Não me ama?

— Não! Não posso e nem amo, nem amaria se pudesse ou quizesse... Peço que se retire.

(Continúa).

Bilhetes Postaes

Ao D...

Como é enigmatico o destino! Quando nosso coração e nossa alma se enebriam de felicidade e sonham num leito de flores, o destino se compraz em nos despertar com terriveis desenganos. Eis que surgem os momentos dolorosos; o coração chora a morte de suas illusões e a alma, exhausta de soffrer, cáe nas trevas do anniquilamento Tudo parece findo. Porém o destino assim não quer, pois vemos de repente rasgar-se o denso véo do porvir e elle nos apparece trazendo em suas mãos o nosso idéal! E a luz que o envolve como uma aureola divina, pouco a pouco nos traz á vida, ainda com uma lagrima nos olhos e um sorriso nos labios!

E é bello esse amor que surge por entre as trevas da dor e da duvida. E' como a estrella que apparece em noite escura, realçando o seu intenso brilho!

20|8|915.

Grazy.

A quem me entende

Assim como o sacramento do Chrisma pelo effeito da electricidade, o meu coração é attrahido ao teu pelo amor que te consagro.

Bibi.

Esperança! Phrase sublime e consoladora, unico allivio dos corações que amam com sinceridade.

O amor é um sentimento doce e suave que desabrocha nos corações sinceros.

Fabrica das Chitas.

Serolod Artud.

A quem me entende

Saudade! Oh setta cruel e venenosa que fere constantemente o coração daquelles que amam com sinceridade.

—

Assim como o sacramento da Chrisma é a confirmação das promessas do Baptismo, o beijo é a confirmação das promessas do amor!

Estrella d'Alva.

Para J. C. M. S.

Platonismo no seculo XX não é philosophia; é pura phantasia idealista.

Anirallh.

A' distincta senhorita Antonietta de A. Corrêa

Como a incauta maripoza volteja em torno da luz, até cahir moribunda, eu pobre louco, procuro queimar-me nas chammas de teu amor.

D. C. de A.

A' idolatrada Alzirinha.

Altiva, boa, amavel, candorosa,
Linda, querida, chic e prazenteira,
Zelos e mimos para todos tem.
Immaculada qual botão de rosa,
Rindo-se sempre passa a vida inteira
A relevar quem não lhe queira bem.

Meiga, modesta e bem assim sincera,
Olhando quasi com indifferença,
Tudo ella vê pensando ser chimera.
Talvez, porém, só alimente a crença
A crença firme dum sonhar que espera...

E. A.

Ao M. A. Silveira.

Amar é viver envolta no sudario da esperança, trilhando a senda azul da phantasia.

Stella.

Ao Olindo Coelho

Como é doce quedar-se pensativa á hora do crepusculo, erguer os olhos ao céo marchetado de estrellas, procurando ver no scintillar desses pequenos sóes, o brilho do olhar do ente amado!

Judith Pereira.

Ao idolatrado José A.

A vida é um fragil batel que navega em mares de lagrimas e sossobra ao menor sopro divino.

Assim como o grito tem o echo, a flor o aroma e a dor o gemido, tambem ha no amor o suspiro.

A esperança consola, a ingratidão anniquila.

Morena Veloz.

A' M. G.

Beijos. — Ao pronunciar esse tão querido vocabulo, composto de tantas lettras quantas são precisas para escrever teu angelico nome, os meus resequidos e despresados labios, sentem ainda aquelle supremo dulçôr que se volatisava dos teus.

Estacio.

Musa.

A' Carmen.

Muitas vezes minh'alma se arrebata
Para uma antiga phantasia louca,
E vem-me ao pensamento aquella ingrata...
E o nome della a me escapar da bocca!

Hernani Aguiar.

Ao querido Adhemar Perremond.

O olhar da pessoa que amamos é como uma scentelha que se asyla no nosso coração.

Cecilia.

A' Dinorath Valentin.

Deixei-te talvez para gozar caricias de um novo amor, emquanto aqui soffro para nunca mais esquecer-te.

Tijuca.

Tua amiga

Julia.

A' ti...

O sorriso do ente amado desfaz as nuvens das ingratidões passadas.

Cattete.

Zizella.

Respondendo a alguem

O passado morreu; que importa que o teu amor reviva, se o sublime eu não tenho para dar-te como outr'ora?

D. F. Macedo.

A' ***

Esquecer! dizem: é tão facil esquecer! Sim é facil esquecer quando o coração não pulsou.

E' facil esquecer quando não se leu na expressão ardente de um olhar terno a confirmação das phrases que nos foram murmuradas, numa voz tremula e commovida; é facil esquecer quando a nossa alma não se uniu a outra num pensamento puro, voando ás regiões dos sonhos, e almejando um futuro eterno de venturas!

Rio, 19| 8| 15.

Leonor M. Martins.

Lina

Esperança — unico lenitivo que suavisa o meu coração, não só nos momentos em que apparentemente divizas o meu puro sentimento amoroso, como tambem quando esbarro em verdadeiros obstaculos, capazes de impedir a realização do nosso almejado ideal...

Lino.

Ao colibri de minh'alma.

Rompe a manhã em todo o seu esplendor. O sol canicular que tudo aquece, incide seus raios luminosos sobre a terra e doura o verde esmeraldino do mar. Uma revoada de passaros surge pelo espaço a entoar o hymno de gloria ao rei luminoso e vivificador da natureza.

Tudo desperta a sorrir e a cantar. E o Deus consolador, o Deus amigo, para melhor agradar aos homens, coloriu os vergeis de rosas e boninas.

Deu ás creanças os cantos matinaes; ao rude proletario o vigor e o trabalho, e ao infeliz que soffre, o consolo da prece! Fez surgir do seio da terra as fontes de agua crystallina, do espirito

do homem as nascentes de poesia, e do coração delle o cadinho admiravel onde reside o amor.

Para incentivo e esteio das almas, deu a fé, a esperança e a caridade. Porém, depois de tudo isto e muito mais, Elle, com chave de ouro de toda a sua creação, com o maior e o mais perfeito mimo d'arte formou o Colibri — o principe das flores.

Decio.

A alguem

A indifferença é irmã gemea da ingratidão: emquanto aquella fére, esta mata.

V. L. C.

A' distincta professora Mlle. E. B.

Na quadra triste da minha existencia uma unica cousa me sustem neste ingrato mundo: a esperança de possuir um dia o teu amor.

L. S.

Ao joven E. F.

Assim como os passaros pousam nas corolas das flores embriagando-se de ambrosiaco aroma, assim o teu amor tambem me enebria, dulcificando o meu coração.

S. Christovão.

Amor-perfeito

Ao Joaquim J. de Andrade Netto.

Todo o homem que, como vós, acha difficil a firmeza no coração da mulher, é porque se esqueceu que tem uma mãi carinhosa, em cujo affecto encontra sempre o conforto para as desillusões do mundo.

Enohpelet.

Ao J. Pinto.

O amor para mim é um cadaver desapparecido das cinzas de uma historia de lagrimas.

O vacuo que o teu amor impuro abriu na minha alma, só a morte poderá preencher.

Só o teu amor me faria feliz neste mundo.

Elza G, do Nascimento.

Para J. C. M. S.

Triste e infeliz do sabio que entre seus velhos livros não encontra uma folha secca que traduza uma saudosa recordação.

Amiralih.

A' Magnolia Triste

O odio é a vergonha do amor.

Nielsen.

Ao Trajano

Daria a vida por um mal, que somente tu soubesses exterminar!

Nilsina.

A quem eu sei

Oh! como sou feliz sem o teu falso amor!... Sinto o meu coração longe de todas as tristezas de outr'ora... Não penso mais em ti, em teu amor, na tua falsidade... Mas sim na sinceridade de alguem: pessoa que escolhi para guarda do meu puro e verdadeiro amor.

Zenith Silva.

A' ***

Mimosa flor de minhas illusões
Aberta no vergel da mocidade.
Risonha imperatriz, dos corações
Immersos de tristeza e saudade
A mendigar amor aqui no mundo.

Deposito a teus pés meu coração
Exausto de soffrer esta paixão.

Linitivo eu procuro em tua alma
O' Julieta dos sonhos de Romeu.
Usufruir do meu amor a palma.
Recompensa, pois, meu amor profundo
Depositando em mim toda a esperança
E juro-te assim que neste mundo
Será eternal nossa esperança.

Conde de Macadam

A quem me entende

Sentir o palpitar do teu coração junto ao meu, é o doce sonho que possuo no meu peito de marinheiro bonançoso.

Nelson.

A. P. N.

O verdadeiro amor é como o musgo, que só nasce nos logares ermos e desertos.

Ao Luiz Garcia

A bondade é uma essencia sublime e foi com ella que Deus aromatisou o teu joven coração.

Augusta.

Ao Marcello

Sinceridade! só no teu peito, posso dizer que existe.

Botafogo.

Ao Carlinhos

Só o teu perdão, dará allivio ao meu coração soffredor.

A' ti

A esperança é a unica consolação do soffrimento, pois faz a existencia cheia de felicidades, apezar de nos acharmos tristes pela auzencia do ente a quem dedicamos verdadeiro amor.

Rio, 3 — 7 — 915.

Idealista.

Ao Doly

Recordar os momentos felizes de um amor passado que não voltará jamais, é descrer da vida, é desistir para sempre da felicidade futura.

Botafogo.

Cherie.

Ao Carneiro

Na tua vida de marinheiro, está toda a minha esperança futura!

A' ***

A esperança é o raio de luz que nos illumina nos caminhos em trevas da nossa vida. E' a taboa de salvação á qual nos agarramos, quando estamos prestes a naufragar no mar dos desenganos. E' a amizade sincera que não se afasta um momento do leito do moribundo. E' ainda a mesma amiga invisivel, que leva ao lar do pobre um consolo, elle então impulsionado por esta força sente-se forte, animado para soffrer, luctar pela vida; na esperança de um futuro sorridente. A esperança, sempre a esperança, a boa amiga que como mãe extremosa, nunca se afasta de nós, nunca nos abandona.

Ipanema.

Adelia Veiga R.

Para Alvino Garcia

Assim como os anjos adoram a Deus eu adoro o seu lindo nome de todo o meu coração.

A.

Para o idolatrado Luiz Garcia.

Assim como a sempre-viva nunca morre no jardim, assim o teu lindo nome viverá sempre no meu coração.

S. Christovão.

E.

A' um amigo.

O passado, como a agua da corrente que mansamente desliza, nunca mais voltará: é o fumo que se condensa nas alturas, e depois para sempre foge, deixando-nos no espirito a impressão da nuvem que com elle se formou, e como elle tambem desappareceu...

Januaria, 15|7|915.

Silio.

Para os idealistas puros seria ficticio a existencia de uma religião como a comprehendem os theosophos de todas as idades. O amor é a sua religião. A mulher amada a unica deusa possivel, em cujo culto elle accende á perfeição suprema.

Carvalho Erse.

Ao jovem Henrique Targa.

O olhar é um cumplice do amor... que não cessa de agir emquanto não adquire aquelle objecto tão desejado que é — o coração.

Botucatu'.

Pinheirinha.

A alguem

Quando recebemos o sopro da amena brisa da felicidade, sentimos uma doce alegria invadir nossa alma; algumas vezes, porém, essa brisa se transforma em um cyclone, arrastando comsigo os sonhos dourados da nossa mocidade, para as longinquas e lugubres paragens do desengano.

Adel. Dourado.

SIM ?

Se um dia fores sentar-te
No banco junto á roseira,
Onde pela vez primeira
As nossas juras trocámos,
Volve o olhar p'ra o passado
Tão cheio de formosuras,
Revê aquellas venturas
Do tempo em que nos amámos.

Rio, 8|8|195.

Lilinha

A quem me entende...

Oh! data inesquecivel!... 29 de junho. Ao amanhecer, tudo em festa!... Dois entes que, pela primeira vez, se encontraram, olharam-se e ambos foram correspondidos com o mesmo olhar. Hoje, vejo que tudo foi illusão e que teu olhar era enganador. Trahiste-me ingrato!... Ah! como é triste lembrar-se a gente do passado feliz!...

Paracamby.

Huga Silva.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1915 NUM. 33

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro. As importancias das assignaturas e toda a correspondencia devem ser dirigidas aos editores Turnauer & Machado.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

CRUZ BRANCA! Symbolo da concretisação purissima do mais vivo penhor de almas piedosas e limpidas ao serviço da caridade pelos que morrem de fome nos invios e abandonados sertões do norte do paiz!

Trata-se de um grupo numeroso de senhoras e senhoritas da nossa sociedade, congregadas todas nesse generoso e louvavel pensamento de angariar donativos para os que se estorcem, naquellas paragens longinquas, entre os horrores da fome e a angustia mais lacinante ainda da sêde.

Emquanto na Europa conflagrada as santas e devotadas mulheres de todas as classes, desde as rainhas mais poderosas ás camponezas mais simples e modestas, se entregam a esse divino sacerdocio do amor do proximo, nos abarracamentos da Cruz Vermelha, pensando feridas e confortando, na ultima agonia, os que morrem pelo amor da patria, as nossas gentis patricias, aninhando em suas almas não menos doce piedade, põem-se a campo a pedir e a implorar um simples e humanitario óbolo para os que tambem morrem, não por aquelle tão bello e tão heroico commettimento, mas pelas agruras crueis de uma terra que lhes nega a vida, pela inclemencia de seu clima, cheia dos horrores de um céo donde só chove a morte nas suas claridões continuas e implacaveis.

Emquanto, no seio do continente civilisado, ora presa do mais espantoso delirio de destruição, gentis fidalgas e pobres raparigas do campo, por entre a sangueira da guerra, recolhem os ultimos pensamentos, as derradeiras mensagens de amor dos que só poderam colher, no terreno inhospito e cavado dos campos de batalhas, a mais ingrata das recompensas pelo seu valor, entre nós, senhoras e senhoritas, irmanadas pelo mesmo altruismo e grandeza da alma, não se cançam no afan bemdito de pregar, com a **Cruz Branca** alçada, a paz das consciencias, a receber o quinhão puro dos que são bons para afastar da morte creancinhas e paes, entregues ainda agora ao cutello sinistro da mais hedionda das mortes — pela fome e pela sêde!

Emquanto as santas legionarias do pendão sangrento apparecem em toda a parte, onde a ceifa maldita de tantas e tão preciosas existencias se multiplica, num *crescendo* de apavorar, como meigos e celestes anjos da guarda, para assistirem ao remontar da alma dos heróes a essa patria de sonhos bons, nesta capital, as meigas e devotadas patricias, supplicam, com essa voz cheia das mais poeticas e acalentadoras entonações de amor e da piedade, pelos que, nas veredas sinistras das regiões apavorantes do Norte, caem extenuados de fadiga e de desanimo, por só contarem com a morte certa para conforto supremo de suas inenarraveis torturas.

Cruz Branca! Outr'ora symbolo de morte, usado pelos falsos e nefastos discipulos de Jesus, na pregação maldita da destruição e do morticinio de tudo e de todos que não se acolhessem á sombra de uma fé, pregada a tiros de canhões e de mosquetes, por entre o horror vermelho das insurreições armadas e dos *autos-de-fé*, nas fogueiras sinistras! Mas hoje, o immaculo pavilhão da caridade e do bem, pairando por sobre o espirito das facções, dos credos e da agitação multiforme do pensamento humano, como o santo postulado da mais humanitaria e mais justa das cruzadas.

Cruz Branca! No immenso espaço de tuas dobras alvissimas devem caber todos os sonhos mais puros, todas as crenças mais bellas, todos os pendores dos corações mais desinteressados, todos os mais acendrados devotamentos pelo bem geral, afim de que a tua divina missão chegue a termo e a tempo de recolher da terra safara da morte todos os infelizes desherdados desta vida cheia de angustias e de miserias tremendas!

Senhorita Dinorah Rocha Caetano, residente em S. José do Ribeirão

CARTAS DE AMOR

Minha bôa amiga

Antes de tudo, deixe-me agradecer-lhe o regalo intellectual com que me galardoou mandando-me aquella deliciosa "Carta de Amor" (1), do nosso tão conhecido poeta cujas paginas tantas vezes temos lido juntos.

Não conhecesse eu como conheço a excelsa bondade do seu coração; não ivesse eu a faculdade de ler através do seu pensamento com a mesma facilidade e devoção com que um crente résa num missal antigo, e dir-lhe-ia (a sua grande alma que me absolveu de tão negra culpa) que naquella deliciosissima pagina d'Arte — onde ha ao mesmo tempo a urdidura finissima das "Valencianas" e as mil cambiantes dos esmaltes de Cellini — existia, como um punhal entre rosas, o ferino acúleo da perversidade. Socegue, porém, minha doce amiga, nem por um só instante devo admittir a possibilidade de um delicto desta ordem, praticado pela sua pessoa.

O que eu comprehendi logo, á primeira vista, foi a sua encantadora alegria transbordando do seu imo como um perfume diffundindo-se pelo ambiente, máo grado o carcere de crystal onde o encerraram — foi, por que não dizel-o? o seu prazer intenso a que nem mesmo faltou uma deliciosa pontinha de infantilidade, vendo um defeito masculino proclamado aos quatro ventos por uma bocca masculina, e desta vez peza-me dizel-o, num tom sereno de quem confessando um delicto espera uma absolvição.

Sim, minha boa amiga, mil vezes sim — a "amitié amoreuse", mesmo em se tratando de "homens moços" e "mulheres bellas", existe, e só não é possivel quando duas almas scientes e conscientes da attracção forte que exercem uma sobre a outra deixam o sentimento que as domina germinar, crescer frondejar, florir á revelia do raciocinio.

Sim, por que essa concepção de figurar o Amor sob a forma e o aspecto daquelle rubicundo pimpolho de carcaz florido e d'olhos vendados para assim ter desculpadas todas as suas traquinadas é garota demais... para ser levada a sério...

O amor casto, puramente espiritual não é incompativel com a radiosa carnação dos vinte annos com o quente estirar dos seios moços.

A imaginação pode ser ardente, fogosa, ennervadora, sobretudo se a preoccupa a opalescente brancura de um seio, a curva harmoniosa e ao mesmo tempo perturbadora de um quadril, a ondeante treva de uma cabelleira desnastrada... Onde está, porém, este halo de respeitoso carinho, de quasi infantil timidez em que costumamos envolver a pessoa amada? Veja, como, ao accaso, n'uma simples hypothese, sem "parti pris", citei o meu, ou antes o nosso caso. E se assim não fôra como classificar esta deliciosa "liaison espiritual" de elos imponderaveis mas fortissimos que, para mim em dôce captiveiro, acorrenta-me ao seu eu?

Este sonho em que vivemos nós ambos a saturar as almas, pode, deve, merece ser materialisado? Não, minha doce amiga, que elle continúe a perfumar toda minha existencia com o aroma de sua espiritualidade; que me não ocorra que a sua bocca tão radiosamente fresca tem não somente a faculdade das palavras suaves mas dos beijos perturbadores; assim como as suas mãos tão brancas e de linhas tão fidalgamente puras não foram feitas sinão para serem respeitosamente osculadas como agora, em espirito, o faço. Para isso, minha boa amiga, não é preciso ser Deus, basta ser homem e ter coração.

Seu "ab imo"
P. de A. P de M.

(1) De João Dantas, publicado nesta Revista.

Ao Centro, Mme. Anna Soares Medina; á direita, Senhorita Adelina de Figueiredo Soares e á esquerda, Senhorita Edméa de F. Soares, assignantes do "Jornal das Moças"

Senhorita Hortencia Cruz, filha do Snr. João Paulino da Cruz, residente em Santa Cruz.

A visão da guerra

Um sobrinho de Guilherme II, sendo feito prisioneiro, foi algemado, porque se negou a dar a sua palavra de honra, de que não fugia.

Demasiada ingenuidade, exigir-se a um prisioneiro a palavra de honra de que não foge!...

Em que pensa o captivo, senão em fugir!?...

As portas de uma prisão abrindo-se diante d'um novo habitante, fecham-lhe por detraz n'um cavo ranger de gonzos, as portas da vida!...

Elle entra na escuridão, no vacuo, no nada, tacteia as paredes humidas, amedronta-se pela friagem que lhe entorpece os dedos, encosta-se ancioso á negra e chapeada porta, e ouve lá fóra o pulular de vida, o doido agitar da alegria, que passa junto d'elle sem o ver, o rodopio do mundo que não descança!...

Oh! a liberdade, fugir!... fugir... eis o sonho que o abraça, a esperança que o embala loucamente, a unica razão de ser da sua existencia inutil!...

O que faz o passarito que nos alegra com o seu canto melodioso, a quem cercamos de cuidados querendo adoçar-lhe as angustias do captiveiro, se um dia, por um fatal descuido ou por uma arreliadora imprevidencia, deixarmos aberta a porta da gaiola?...

Correu doidamente aos quatro cantos do doirado tumulo, onde o sepultámos em vida, abre o biquinho num riso gorgeante, approxima-se aos saltos da pequenina fenda salvadora, e... foge!...

Que importa que seja pequena a abertura que o nosso descuido lhe abriu compadecido?...

Que lhe importa que o seu lindo fato de pennas se rasgue nos arames que o circumdam ?...

Tudo isso não é nada, comparado com a alegria que o espera, que lhe abre os braços risonha... e elle, foge, corre, voa atravez o espaço, chilreando, cantando uma linda canção libertadora, saudando alegremente os seus companheiros, de quem irá partilhar a vida errante do acaso, mas livre... livre das feias grades de uma gaiola.

São assim todos os prisioneiros!...

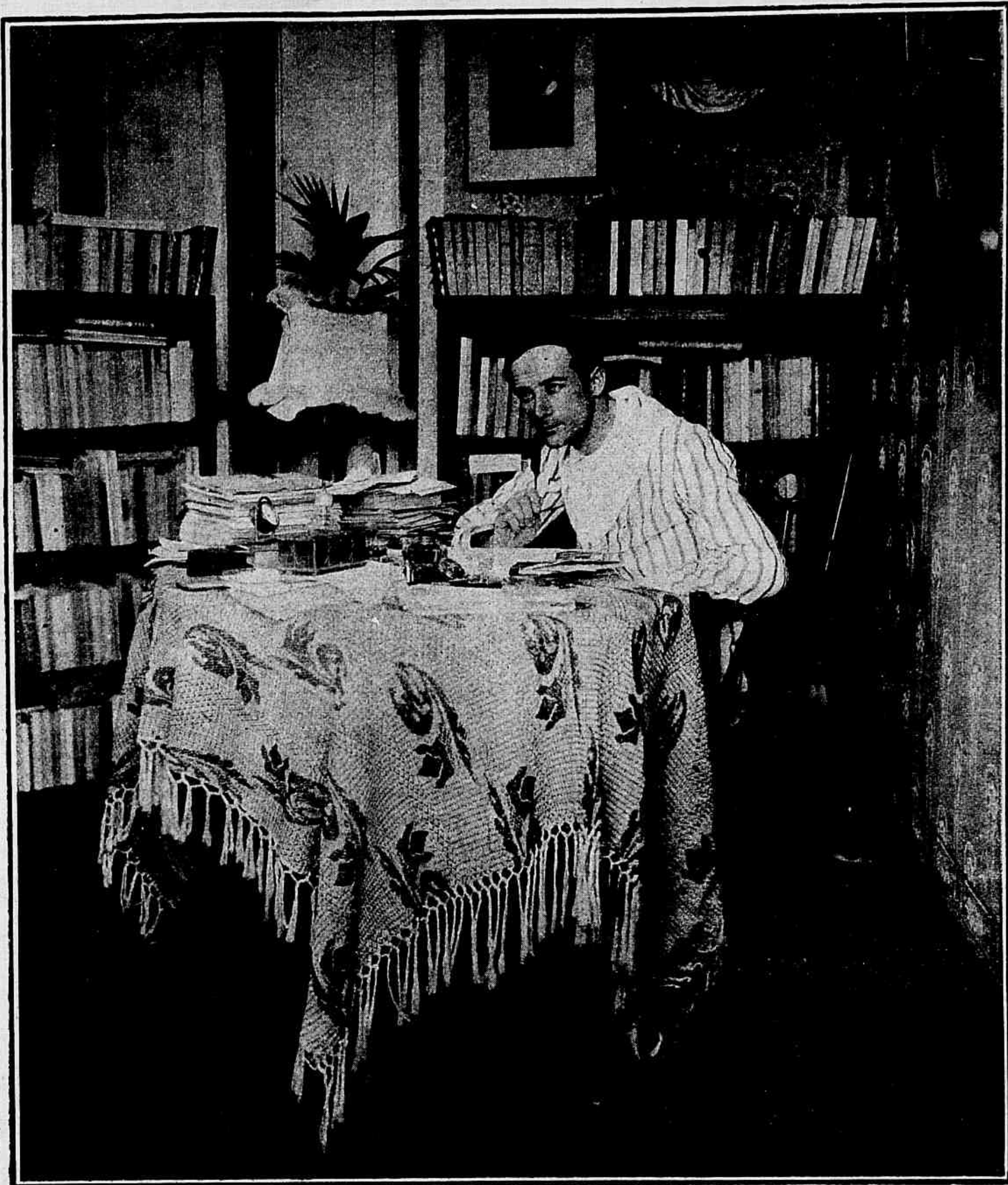
Deitam-se, levantam-se, passam-se semanas, mezes, annos, e a esperança nunca os abandona!...

Como o passarito sofrego de liberdade, elles esperam cheios de confiança, o almejado momento em que possam escapar, sem sobresaltar os carcereiros, escorregar lentamente sem ruido pelas malhas da audacia, respirar emfim!... offuscar os olhos já habituados á escuridão, no brilhantissimo sol do meio dia, cerral-os melancholicos, no doce crepusculo d'um anoitecer!...

Por isso o sobrinho do imperador, procedeu honradamente, com toda a lealdade, preferindo ser algemado, mas não empregar a sua palavra de honra n'um juramento que elle tinha a certeza de que não poderia cumprir.

Laurentina de Jesus.

O menino Hino do Livramento Coutinho, filho do Commandante M. C. Gouvêa Coutinho

Inauguração da capella do Collegio Santos Anjos e 1ª communhão de um grupo de alumnas no dia 5 do corrente

Esta poesia é do novo livro em que Carlos Maul está trabalhando: " Barbaros ", poemas nacionalistas. Do autor do " Canto primaveril " apparecerão ainda este anno dois livros : " A tentação de Deus", edição de França Amado, de Coimbra, e "A morte da emoção", edição da Renascença Portugueza, do Porto.

DA "SELVA TRANSFIGURADA"

O GIGANTE FALA AO PANTANO :

I

" Immoto e liso olhas o ceu tranquillo,
E és azul como o ceu nos dias claros ;
Guardas na sombra o verde do beryllo
Com o orgulho e a ternura dos avaros.

II

Amo fitar-te pelas rubras tardes
Quando em cinzas do poente o sol se perde,
Illudido a sorrir, em chammas ardes
E n'um segundo voltas ao teu verde.

III

No alto da noite o plenilunio espelhas,
Abres-te todo para o receber.
Ao carinho da brisa a face engelhas,
E esse beijo de amor te faz tremer.

IV

Um canto a treva corta. E' da Mãe-d'agua.
Eil-a que vem boiando, toda nua,
Como um baixel marfineo que fluctua
Levando no seu bojo a voz da magua... "

(Barbaros) CARLOS MAUL

ROSITA, ODETTE e MARIA LUIZA
Mimoso grupo das tres encantadoras filhinhas do maestro Cordiglia Lavalle. Phot. "Hig-Life" - Nictheroy

A CONFISSÃO

Morena rosada, ella, nos olhos negros, tinha o fulgor adamantino duma alegria subitanea produzida pela sensação emotiva de vagos desejos cupidineos, e nos labios vermelhos um sorriso meigo — traductor fiel do prazer que lhe ia na alma de joven romanesca. E elle, um triste, que procura sempre dar á sua physionomia mentida expressão de contentamento, sentia nos refólhos d'alma um quer que seja de satisfação incontida, quando a via, sempre bella, sempre meiga, sempre risonha...

Timido, não ousava declarar-lhe, num momento de calma apparente — pois attribulada é a sua existencia — o amor immenso que o dominava, fazendo-o carpir dia a dia a negra dor de uma saudade mesta ou os effeitos do mysterioso receio de dar expansão ampla aos seus sentimentos.

E vivia sempre immerso em scismares profundos.

Um dia, porém, houve ensejo propicio para sua confissão. E elle, depois de titubiar muito, depois de ver com cores negras, bem negras, as consequencias que fatalmente ella poderia produzir, arrimou-se ás exhortações violentas dos effeitos da setta de Cupido, e deixou sua triste alma vibrar na ardencia sincera duma confissão ha tanto guardada no aureo escrinio do seu coração.

*
* *

Foi em penates amigos. Havia uma reunião intima. A flauta ondulava e o piano fremia, ao ser seu eburneo teclado levemente roçado por mimosas mãos de nympha. Ambos os enamorados dansavam. Elle quiz falar, mas lhe não foi possivel. Apenas, emquanto Terpsichore animava o salão, trocaram singelas palavras. Mas depois elle se reanimou e convidou-a a um passeio no jardim! E foram.

A noite era bella e o luar refulgia. As flores exhalavam poetica olencia e os favonios perpassavam languidamente, como que entoando uma endeixa aos corações tristonhos.

E elle assim falou, tendo, nos labios tremulos de subtis emoções, um sorriso, mixto de alegria e tristeza:

— Virgem! tu, que és casta, tão casta como as sacerdotisas de Vesta; tu, que possues um requinte da formosura de Aphrodite; tu, que és meiga, tão meiga, como Chyseida; tu, que te assemelhas ás personagens mythicas do Paiz das Lendas; que tens seios tumidos e perfume da gardenia, que tens nos polposos labios purpurinos a expressão agricode dum beijo lúbrico de Phryné; que possues nas madeixas negras dos teus cabellos o aroma embriagador da magnolia; que tens nos teus olhos de onyx o fulgor divino que nos seus teve Rhéa Sylvia no fatal momento em que as Parcas lhe foram cantar o hymno do tumulo; tu, que és, emfim, a sylphide dos meus sonhos ridentes, deves bem comprehender como é intenso e forte o amor que te consagro, deves bem comprehender como é grande a paixão que me inspiraste naquella hora — que já vae tão longe... — de dolente crepusculo vespertino...

Ah! minha doce amiga! amo-te, e muito, e deves tambem amar-me, e muito... E depois, que nos importarão a maledicencia ferina e as verrinas inconscientes dos que não sabem como é divina a poesia do amor? que nos importarão os apódos e os doestos dos que não sentem o encanto emotivo das illusões? Amemo-nos e fujamos do contacto dessa tabidez de convenções sociaes, fujamos de tudo, sim, de tudo que tenha o fluido magnetico das hypocrisias mundanas e, depois de construido num frouxel o nosso thalamo, depois de unirmos nossas almas em uma só, depois de possuirmos o nosso ninho de amor, a vida nos será um mar de rosas.

E a natureza nos ha de bemdizer cantando em psalmos divinaes a gloria de nosso Ideal.

A academica THEREZA de MACEDO e a sua amiguinha ARMINDA

A luz do sol nos parecerá mais viva, as auras da tarde nos parecerão mais meigas, os gorgeios do rouxinol serão mais poeticos, as palpitações vitaes de tudo serão, emfim, mais fortes e mais vibrantes.

Ama-me, pois, irriquieta phalena que adejas sobre os vergeis dos meus sonhos, porque nosso ninho de amor será bello e grandioso. E, longe, bem longe de indiscretos olhares, em pleno seio da Flora, teremos nosso mundo, inaccessivel á curiosidade... E os regatos, rumorejando sempre sua sentimental canção, aos raios fulgurantes do astro do dia, terão suas aguas da cor do topazio; a superficie calma dos lagos será uma saphira immensa encrustada na esmeralda das mattas e das campinas; as gottas do orvalho matutino serão perolas caindo sobre as ramagens verdes dos prados florejantes; as nuvens que cortarão os espaços serão — iguaes, plumbeas, opalinas, bronzeadas ou cinéreas — o colorido do quadro do nosso amor, em convivencia salutar com os gaturamos — espalhando harmonias, com os canarios — soluçando melodias, com as cotovias, as toutinegras e os melros — cantando o poema natural da vida no campo.

E as garças silentes á borda dos rios serão o symbolo augusto da alvura immaculada que nos ha de sorrir na vida... E os cysnes, cortando as aguas silenciosas dos lagos, serão a delicia para nossos olhares extasiados pelo encanto bucolico da existencia no seio na Natureza...

Ah! rosada morena! viveremos num eden terreal, tendo como apanagio o auriroseo dos nossos sonhos! E, na mansuetude do nosso viver, seremos duas aves metamorphoseadas numa Phenix, emquanto essas almas hypocritas, que não comprehendem a sublime poesia do amor, ficarão sob a influencia de Plutão, vivendo num pandemonium de discordias e vendo sempre diante de si, como tysicos, neurasthenicos ou hystericos, aos tantos grãos duma febre medonha, na tenebrosa vibração genethalica da dor, o horrivel Philegetonte rolando, solemne e magestoso, suas ondas de fogo...

E Deus, o grande Deus, nos amparará, porque, longe das lições, longe das miserias humanas, em tudo o que virmos — haverá uma plumagem multifaria, haverá poesia, e em tudo o que sentirmos, — haverá amor, haverá doçura... E teremos comnosco Eros, Hymeneu e Juno, tendo no templo do nosso Sonho as fulgurações da Esperança...

E a emoção embargou-lhe a voz, terminando assim o enamorado a sua confissão.

Ella, a rosada morena, quando o viu terminar, nada lhe disse... Mas seus labios vermelhos e humidos collaram-se, apaixonadamente, ternamente, nos daquelle que lhe revelara tantos e tão lindos segredos, fazndo-a vibrar no goso mystico de um amor candido, de um amor ideal, no decorrer de tão romantica e tão sincera confissão...

....

Dalton Guimarães.

AMOR

O edificio do amor se torna indemulivel, quando dois corações se amam sinceramente.

O amor é Deus!... E' esta sigular palavra que abre caminho a todas as outras.

O amor é incolor, não tem sexo nem patria mas tem mais força do que as aguas de todos os Oceanos.

A expressão amo-te repercute nos corações humanos com maior estrondo do que o maior explosivo do mundo!

Em summa vivemos do amor e pelo amor...

D. F. MACEDO.

A gentil Senhorita Maria Luiza Pereira, afilhada da distincta pianista D. Angela Reis, constante leitora do "Jornal das Moças"

FRIA COMO O MARMORE

(Collaboração) A' Senhorita Yára de Almeida

—Yára tem uns olhos que nos fitam do meio de um rosto de pureza santa. A sua figura mais esbelta que uma estatua de Phidias, caminha por entre a multidão, destacando graciosamente nos contornos delicados. Nunca uma creatura soube tanto encantar como esta Venus divina, que, atravez os tempos remotos, reproduz o helenismo das formas estheticas. Quando elle fala, julgamos ouvir harmonias celestes, longiquas, que, acalentam os ouvidos, embebendo-os magicamente cerrando-os a tudo o que é profano.

Mas oh! tristeza! nunca aquella bocca, ideal e sacrosanta, pronunciou uma palavra de amor. Os seus meigos e ternos olhos jamais se demoram num rosto joven, que muito lhe quer e a idolatra como um anjo. Carlos, o poeta divino da paixão, cantou-a em carmes mais melodiosas que as do genio. Eram quasi cantos sobrenaturaes, que celebram o amor, a gloria, o enlevo do coração amante, a chamma eterna que conduz o mundo.

Ella, impassivel, muda, enigmatica, com um sorriso de mulher de Vinci, não se embriagava de luz amorosa, mas permanecia na sua insensibilidade de esphinge. Quando a tarde cae e o crepusculo encanta os sentidos; quando a natureza começa a repousar seu somno sagrado, as plantas, as arvores, as flores, tudo que cresce e emana da terra, recolhe-se no seu mysterio a nossa mente eleva-se no sonho.

Só Yára parecia não respirar os aromas esparsos; não ouvia as pulsações do seu poeta que descantara á lyra os encautos do seu peito alanceado. Carlos ia já definhando de mal de amor, e de tanto chorar, um dia morreu. Os genios da poesia e do amor levaram para as regiões desertas a sua alma amante e o mundo contou de menos no seu seio, um espirito sublime. Desde então, ella, só ella, a deusa dos amores, passa insensivel fugindo a todo amor e a toda caricia.

Yayára

A FELICIDADE

Sinto-a junto de mim: — tento alcançal-a, como
No asperrimo deserto
Pelo simoun coberto,
O velho beduino exhausto pela sêde
Pára e julgando vêr na emmaranhada rede
De ardente areia o verdejante oasis perto,
Recupera o vigor e a passo vacillante
Vae ao encontro, a sorrir, da miragem distante
E caminha e caminha e novamente pára
Vendo na sua frente o areal aberto,
O intermino Sahara!

Ser feliz é escalar aos poucos, passo a passo,
Sem voltar a cabeça e sem sentir cansaço,
A terra promettida
Do amor que torna bella e desejada a vida.
Ser feliz é viver
Immerso na illusão de bem feliz se ser.

E' dar o nosso auxilio e extender nossa mão
Ao faminto que implora uma codea de pão.
Ser soldado e levar desfraldada e altaneira
De victoria em victoria, a sagrada bandeira.
Ser artista e talhar num bloco de Carrara
Uma estatua immortal duma belleza rara!

E' na mente trazer uma imagem gravada.
E' no rosto ideal de mulher adorada
Beijar. E' crêr em Deus; é crêr no amor e mudo
Parar
A contemplar
Um corpo esculptural e perfeito, desnudo!
E' vêr atraz de nós, exangues e cahidos,
O cortejo macabro e infindo dos vencidos
E luctar e vencer ante a inveja grosseira
Da multidão que brama em rictus de caveira.

. . . .

E' feliz o zagal que conduz o rebanho
Para o pasto, a cantar uma trova de antanho
E o humilde pescador que, da familia escravo,
Vae num fragil batel afrontar o mar bravo!
E só eu que te amo,
Vou da sorte á mercê sem soltar um lamento
Como um mastro a vergar aos embates do vento...

1915 — Maio.

Olivar Côrtes.

Em uma aldeia, durante um sermão de lagrimas, todo o auditorio chorava, excepto um matuto.

— Como? Tu não tens coração? perguntaram.

— E' que eu não sou cá da freguezia! explicou elle.

Mmes. Maria do Carmo Pereira da Silva Garcia, Aracy Vieira e Jacy Veiga e senhorita Octacilia Pereira da Silva. Photo "Hig Life" — Nictheroy.

DUVIDA ATROZ

Gentilissima Bertha

Desde o nosso primeiro encontro na festa commemorativa do "Chwiaz", a tua imagem não mais sahiu do meu pensamento: perseguem-me esses olhos negros, bellos como as olivas do Monte Carmelo e mais refulgentes do que o onyx do templo de Salomão; por toda a parte vejo esse corpo de marmorea esculptura, mais soberbo do que a torre eburnea de David... Mas, dize-me filha de Sion, serás o astro luminoso que brilha sobre os destinos da minha vida? Ou serás apenas o cometa fugaz que resplandece, espanta e desapparece?

Mal nasceu, com effeito, o meu amor que já surge uma dupla barreira. á primeira vista intransponivel: a primeira está em tuas mãos; a segunda, o tempo poderá pulverisal-a.

Disseram-me, ou sonhei talvez, que já eras noiva. Adjuro-te por Iahvé que adoras, ó copia formosissima de Rachel. Diz-me si já déste definitivamente a tua palavra de honra. Si fôr, conformar-me-ei com o que está feito, invejando embora a sorte do felizardo que te possuirá; mas, nem poderei diminuir a minha amizade sincera que será eterna. Si não fôr, como intenso será meu jubilo! Aguardo anciosamente essa alleluia alviçareira: manda-me-a, por favor, sim?

Talvez, pulcherrima filha d'Israel, os teus paes reluctem em te confiar a um mancebo que não é de tua raça. Mas, que Deus, cruel e absurdo poderia prohibir de amar? Iahvé não é o pae de todos os homens? Não é elle que fez os corações? Não foi ainda elle que ordenou que o homem deixasse a sua casa para consorciar-se com a mulher de seu gosto? Em que parte da "Thorah", dos "Nebiim" ou dos "Rutubim" a Biblia prohibe o casamento com estrangeiros? Esther, filha adoptiva de Mardocheo, não se assentou porventura no throno de Assuero, rei dos "goim"? Emfim, si eu não nasci em tua raça e em tua religião, Israel nasceu em meu coração por tua causa, tu nasceste na religião do amor que te devoto.

Graciosa Bertha, dissipa as nuvens que perturbam a minha alma; responde-me.

Beijo affectuosa e respeitosamente as tuas mãos.

B. 31.

IDYLLIOS

III

Eu não te dizia sempre que só te preoccupasses com as horas dulcissimas de nosso enlevo? Quem te mandou següir pela vereda sombria dos desenganos?

Choras, não vês? Si tu soubesses, meu coração, como o pranto enfeia o rosto, não chorarias nunca. As lagrimas que brotam do coração deslisam tão ferventes pelas faces que nellas deixam ficar o sulco da velhice.

Contaram-te mil cousas a meu respeito. Que eu seria talvez o espantalho de tuas noites cheias de sonhos; que irás viver entre duvidas e incertezas como a pastora que vagueia por entre os espinhos das sébes, sem saber onde pára o seu rebanho.

Eu não te disse sempre, vida minha, que o mundo leva diariamente a procurar onde ha um carinho, onde rebenta uma flor, onde desponta um sorriso, onde brilha o brando fulgor de um olhar para collocar uma duvida, para fazer surgir um insecto, para inventar uma magoa, para crear uma sombra?

Ias passando por sobre os canteiros verdejantes de nosso affecto, colhendo aqui a folha de uma caricia, alli a rubra flor de um sorriso, mais adiante o cacho verde de muitas esperanças, enlevada sempre pela suave aura embalsamada de nossos sonhos febris.

Quem assim te visse, por força que te dizia a sonhar. Mas bem depressa te foste arredando desse logar de delicias e, como no Eden paradisiaco, surgiu-te o primeiro pensamento de duvida.

Louca que foste tu! Louca e céga! Não viste tambem vir a serpente agitando pouco a pouco, como ainda nos tempos biblicos, as azas da sua malidicencia, azas feitas com o succo negro da inveja e a viscosidade corrosiva da malicia?

Tinhas o pensamento ainda embalado pelas nossas juras. Todo o teu coração parecia vibrar de contentamento. Como que um foco immenso, transfiguração suprema dalma passada pelo crysol do amor, envolvia o teu ser. Ao primeiro bote, arremettida do mal, levaste as mãos á fronte e a comprimiste com força para afastar da mente o negro espectro dessa primeira e insidiosa suspeita.

O mal começa, ás vezes, como uma caricia: passa por nossa alma a sua baba venenosa como si fosse um hydromel divino. Enleia os nossos sentidos com mil artimanhas, com a trama dourada de uma confiança que nos constringe a vontade, de modo a ficarmos sem poder perceber desde logo si á sua doçura está ligada o veneno que terá depois de destruir toda essa existencia de amor.

Falaram, pobre louquinha, como si fosse tua propria alma que balbuciasse em segredo a injuria. Era tudo para o teu bem, diziam-te. Tu ias céga, mas queriam abrir-te os olhos, não por elles, mas para socego de teu coração cheio de fé. Si não quizesses ouvir, melhor para elles, que ficariam sem mais esse peso nalma.

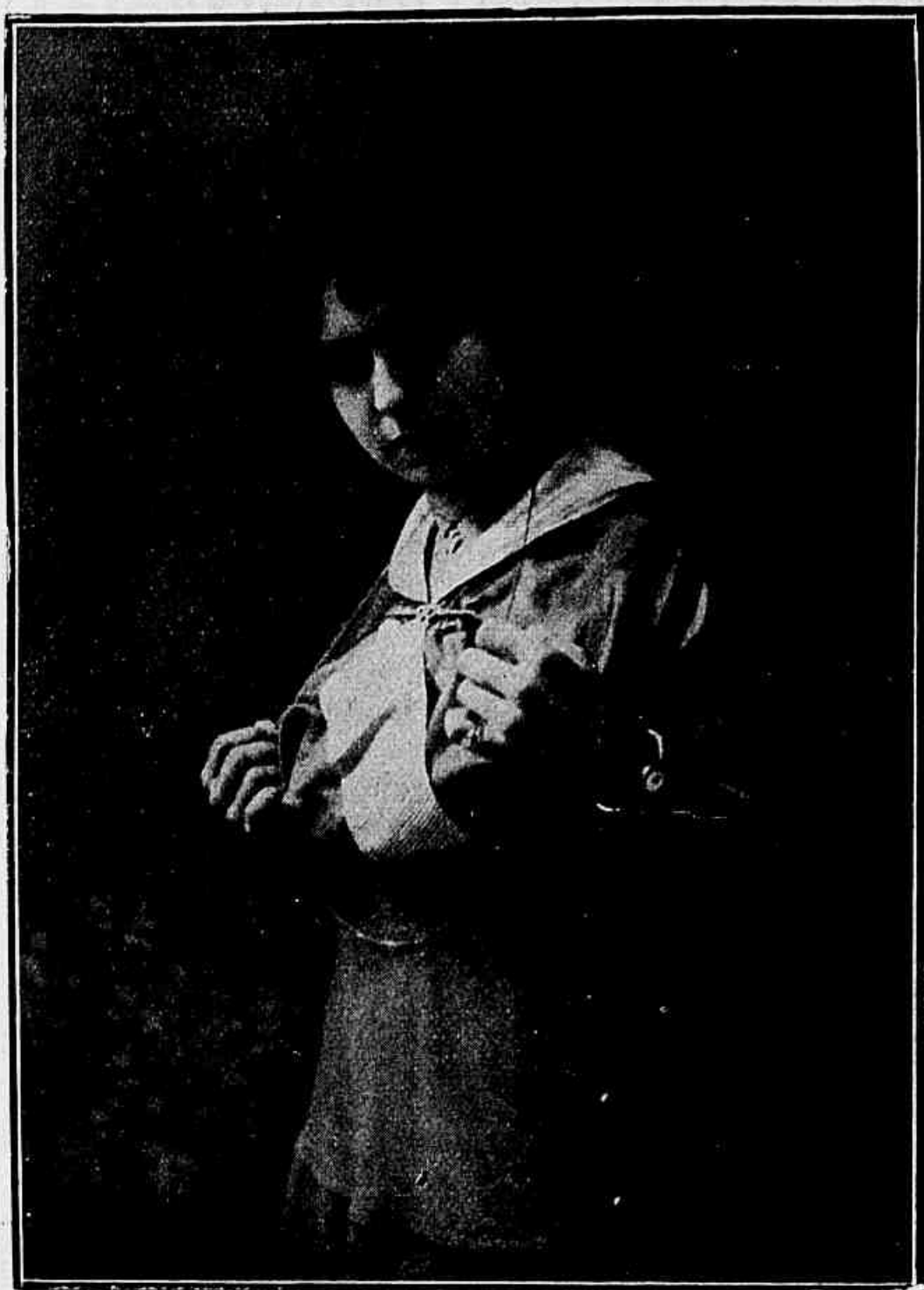
A hypocrisia é uma cousa horrivel. E' feita de risos e abraços, a desdobrar-se em confissão da mais estreita e carinhosa estima.

Essa amiga, que te procura abraçar hoje, é bem capaz de suffocar-te amanhã. Tudo que te disser "para teu bem", dirá amanhã para teu mal. Cada sorriso della, cada assentimento ás loucas expressões de teu affecto é cada indirecta mortificante para fazer-te sangrar o coração.

A hypocrisia chega attingir a este extremo de horror humano: acaba por matar-te, na sua lenta e pavorosa marcha de "caricias de amiga", e a obrigar-te sempre a lhe pedir perdão.

Pobre libellula do lago, foste enredada pela teia urdida pela tua propria innocencia!

Ias cantando feliz, tendo ao seio a lyra encantada de teu amor. O céo tão azul parecia cobrir todos os teus sonhos dessa esplendente cor. Não vias em nossos anhelos mais que o vivo enlace de nossos corações tão simples. Eu te queria e tu te entregavas. Era o venturoso destino realizado. Em teu ideal amoroso, Deus nos houvera creado um para o outro, como troncos do mesmo arbusto, que vão crescendo enlaçados.

Mas olhaste para a terra e voz humana chamou-te. A principio, pareceu-te voz amiga — sorria. Tudo que apparece a sorrir a quem ama, toma a grata expressão do proprio amor. Foste attrahida pela corrente daquelle som que te desfez as

A Senhorita Candida Machado Monteiro, nossa estimada assignante, residente em Taubaté

scismas que trazias do céo do teu enlevo. A serpente falou-te pela voz da sabedoria: ias caminho errado, do lado opposto é que ficava o vergel florido da suprema ventura. Ias pisando pelos cardeiros sangrentos, quando podias trilhar só por grammineas em flor.

A hypocrisia serve-se sempre da linguagem dos anjos. Tu eras anjo tambem e pareceste comprehender aquella linguagem.

Não me fugiste, é verdade, mas ficaste arredia como ave medrosa, que receia approximar-se do ninho antigo.

Falei-te e começaste a chorar.

As lagrimas da mulher internecem tanto que nós nem queremos saber si ellas podem mentir.

Chorando assim, eu amava-te ainda mais, porque te sentia magoada. O pranto da mulher querida parece gottas de um filtro maravilhoso a cahir sobre o nosso coração e nelle installando a escencia do supremo amor.

Agora é que vês, louquinha, quanto mal fizeste! Não chores mais. Amanhã, talvez, já não te recordes dessa apparição que surgiu em teus sonhos como o duende sinistro de tuas noites de amor.

Não tenhas mais receios. O nosso grande affecto é como extenso palacio cheio de luzes — afugenta os malfeitores.

As tuas lagrimas de agora são o castigo de tua imprudencia. Nunca mais, boa amiguinha, te afastes da risonha estancia onde, como dois alvos pombos presos aos bicos, na communhão eterna de seus felizes destinos, vivem os fagueiros genios do nosso enlevo, a prelibar o dulcissimo sonho de futuros idyllios, por entre os castellos dourados de nossas scismas de amor.

RIBAR.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Commemorando o seu anniversario natalicio, em 7 deste mez, a distincta senhora Rosa Moreira Fiuza, dignissima esposa do sr. Antonio Fiuza Junior, negociante nesta praça, reuniu em sua agradavel residencia as familias de sua amisade.

Durante a encantadora festa, as dansas correram animadas e algumas senhoritas, com graça e perfeição, cantaram e recitaram canções brasileiras.

Olga Gonçalves

×

Fez annos hontem a sympathica e gentil senhorita Olga Gonçalves, muito estimada pelos dotes do seu coração affectuoso e de uma bondade extrema.

×

CLUB RECREATIVO LUSITANO

A *soirée* dansante realisada a 4 do corrente nos amplos salões deste club, revestio-se de grande animação.

Essa brilhante reunião foi effectuada em justa homenagem á *Junta Governativa* do referido Club, composta de um grupo de esforçados socios que tem contribuido muito para o seu engrandecimento.

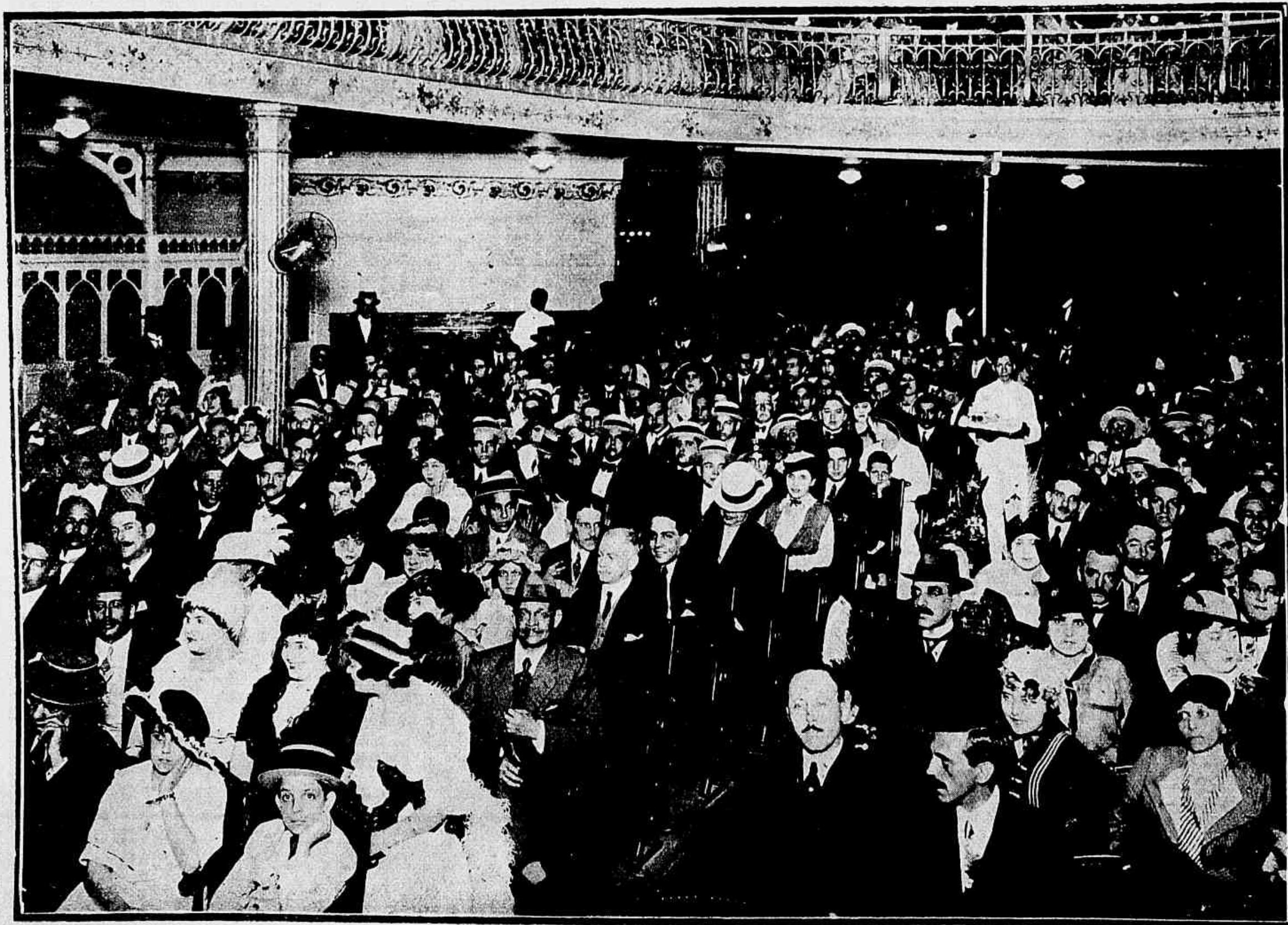
As dansas correram animadas até alta madrugada sendo numerosa a concurrencia de socios e convidados, destacando-se grande numero de formosas e gentis senhoritas que deram a nota *chic* da encantadora festa.

O illustre professor Soares Dias, que desde os primeiros numeros desta Revista prestava-nos o valiosissimo concurso de seu invejavel talento e grande erudição, por motivo de seus multiplos afazeres interrompeu, a partir do numero passado a sua apreciada collaboração.

E' uma falta muito sensivel que procuraremos supprir da melhor fórma.

Nesta ligeira nota deixamos consignados os protestos da nossa sincera estima e gratidão ao distincto e desinteressado amigo.

No proximo numero publicaremos uma linda poesia intitulada *Ressurreição*, mimosa producção do illustre poeta Ricardo de Albuquerque.

NOTAS THEATRAES

Um aspecto da platéa do "Trianon", em noite de 1ª. representação

MODAS E MODOS

DENTRO de poucos dias começará o exodo parcellado e gradativo das nossas patricias para as praias balneares.

Copacabana, Icarahy, Paquetá vão ter a animação periodica que lhe emprestam todos os annos a requintada elegancia e o alegre convivio das moças e rapazes que não desprezam os encantos e attractivos naturaes daquellas paragens pittorescas.

Os tecidos indicados para a confecção dos vestidos destinados exclusivamente á permanencia na praia e aos

O que se pode fazer com um pedaço de fita preta

Rica toilette para passeio, em setim preto liberty, com tunica de laise

passeios matinaes são: tussor, tela, voile de algodão, zephir, organdi, batiste, guarnecidos com folhos dos mesmos tecidos, rendas e entremeios ou simples pregadores.

Os vestidos de tecido branco, linho ou flanella inglezas finas, mousseline, ou cassa suissa nos parece, dever merecer a preferencia das elegantes.

Os costumes tailleurs estão na ordem do dia, seu uso augmenta de dia para dia e estão sendo adoptados pelas mais elegantes favoritas da moda na Europa, não só para cerimonias, passeios e visitas mas tambem para a praia e campo.

Julgamos de nosso dever informar a respeito as leitoras sobre alguns detalhes desses trajes, de accordo, naturalmente, com as indicações fornecidas pelas mais habeis modistas do Velho Mundo:

1.º Que não ha regra fixa para o comprimento das jaquetas, fazendo-se umas curtas, outras compridas, e simulando no seu conjunto casaquinha russa, *dolman*, bolero de zuavo ou corpinho militar escossez; pela disposição das abas com *godets* ou pela fórma do córte.

2º. Que ellas são guarnecidas com trancinhas, applicações de passamanaria ou bordados, e abrindo na sua maioria ligeiramente tanto na parte superior como na inferior sobre um collete de seda lisa ou adamascada, setim, taffetás de phantasia ou piqués, terminando na extremidade com pontas em bico mais ou menos compridas.

3.º Que para este genero de costumes os tecidos preferidos pelas favoritas da moda são o panno amazona o panno-setim e a sarjinha, muito finos, todavia muitos outros se empregam e entre elles os tecidos de algodão creados pela industria franceza, tecidos que têm todas as qualidades das lãs e mesmo da seda e que como ellas são flexiveis e leves. Estes ultimos porém, que imitam a tela de lã, o setim oriental, o crepon, de seda e o crepe da China empregam-se sobretudo para os costumes do campo.

4.º Que para a praia são a sarjinha, o panno, a tela, o linho e o piqué brancos os tecidos mais em voga.

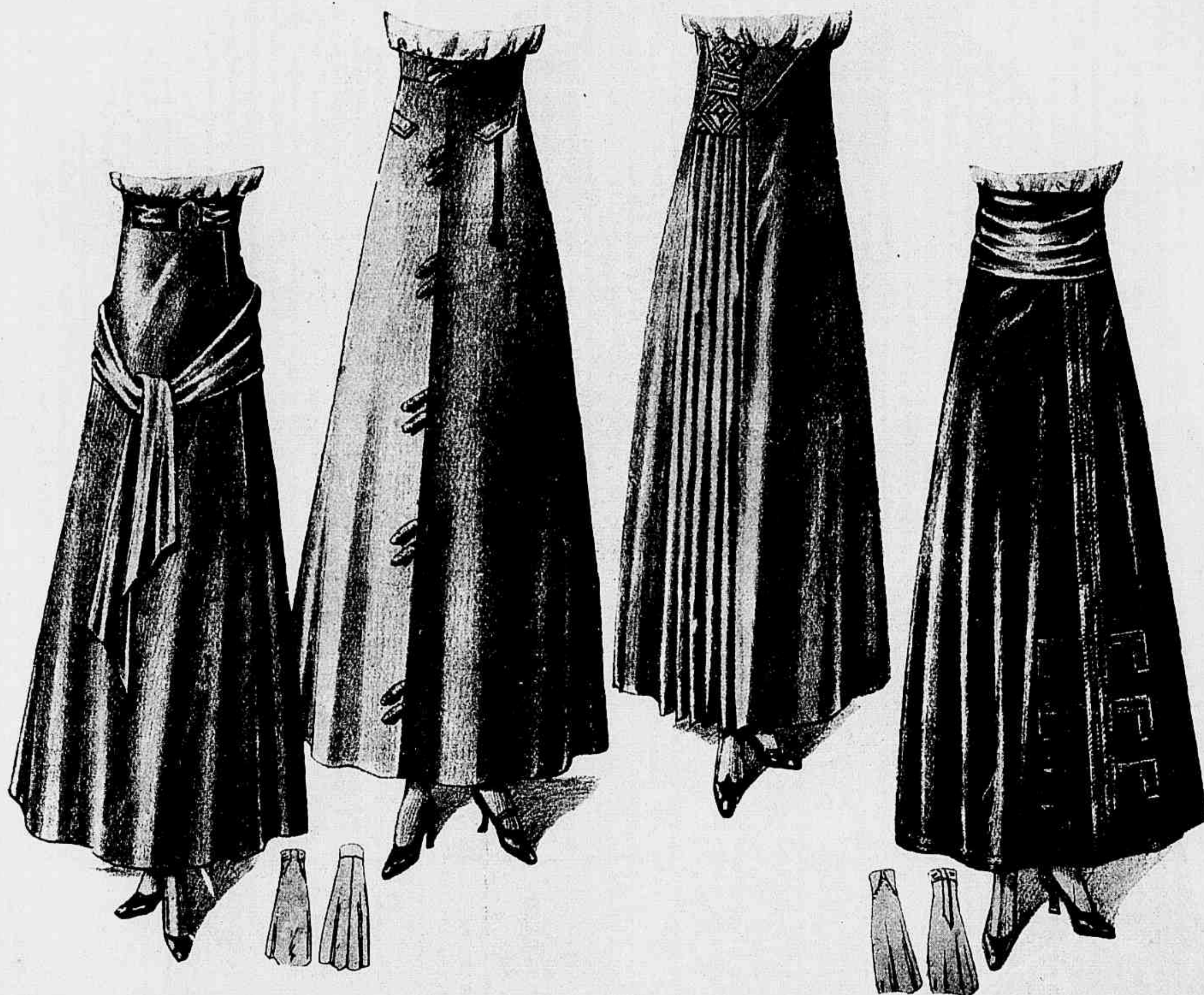
Toilette para passeio em mousseline floreada

5.º Que para as saias dos vestidos *tailleur* se fazem como as das outras *toilettes*, isto é: redondas e bastante amplas na extremidade, terminando na altura do tornosello, dispostas em pregas e machos ao lado e atraz mais lisa, na frente, encimadas na sua maioria por *empiécements*, todavia as preferidas pela élite, são as simples e de fórma *cloche*, quer dizer um pouco esguias na parte superior e terminando com ondulações na inferior.

Tres elegantes e encantadoras toilettes para noite. Ultimos caprichos da moda parisiense

ULTIMAS CREAÇÕES DE PARIS :: :: ::

1.º Toilette de confecção simples, mas de graciosa appariencia, em crepon de lã ou taffetá rendado, blusa pregueada de seda branca, golla alta revirada e gravata de taffetá ou setim preto; saia pregueada. 2.º Toilette de drap, linón ou crepe da China; jaqueta-bolero com peitilho e golla de batista ou laise branca. 3.º Toilette em velludo, blusa conjunta do mesmo tecido, golla alta, saia corrida, mangas compridas com *canhões*.

AS SAIAS MODERNAS

1.ª — Saia em drap, com cinto de setim preto, fivella e facha pendente. 2.ª — Saia de dois pannos em sarjinha com bolsinhos e *trambrelhos*. 3.ª — Saia em gabardine de seda, pregueada aos lados. 4.ª — Saia de veludo, com cinto de setim com applicações de passamanaria.

A MODA INFANTIL

Vestidos simples para meninas e mocinhas, apropriados á estação que começa

Grupo tirado na residencia do cirurgião dentista Dr. A. Fauro por occasião da festa do Divino Espirito Santo: No centro Mme. Fauro, assistente na Maternidade das Larangeiras e da Santa Casa, cercada de suas amigas, tendo á sua direita Mme. Lopes, á esquerda Mme. Amelia, em cima as Senhoritas Branca e Arminda Teixeira, no centro Senhorita Thereza Macedo, auxiliar do Dr. Fauro.

Torneio Charadistico

Primeiro torneio: — As collegas victoriosas deste torneio, *Colibri, Chrysanthéme d'Or e Roitelet,* já receberam os premios offerecidos pela nossa redacção.

A essas gentis collegas pedimos desculpas por não termos, talvez, satisfeito os seus ideaes, quanto a escolha dos premios.

Os premios offerecidos foram: um estojo de *manicure,* um artistico par de jarras para violetas e um lindo pucaro para pó de arroz.

Terceiro torneio

Problemas ns. 1 a 10

Charadas novissimas:

2—2 O tanque do Jardim Publico requer um passaro europeu.

Farfalla Azzurra.

2—2 A classe a que pertence esta moça usa como distinctivo esta pedra.

Pequitita.

3—1 Toma nota, o rio é do Chile.

Mercês.

2—2 A parenta da proprietaria é a principal cantora.

Ivna.

2—2 Cupido teve amisade a um incendiario

Santinha.

1—2 Na musica e' quando eu estou no alto vejo a planta.

Celina Muniz.

1—1—1—1—1 Aqui, alli e na musica, quem offerece esta letra mostra o signal de catastrophe.

Carolina da Fonseca.

1—1 Para conhecer o salubre, só con. traducção.

Balbina Garcia da Silva.

2—1 A brancura da fructa é o meu agasalho.

Roitelet.

2—1 Agora, por causa do premio de um enygma, fui conhecer o chefe.

Chrysanthéme d'Or.

Problemas ns. 11 e 12

Charada em metagramma

(Varia a 3.ª)

5—2 Este panno comprei na cidade.

Clio.

(Varia a 4ª)

4—2 Simples quadrupede.

Ailez.

Problema nº. 13

Pergunta enigmatica

(A's collegas)

Queiram aceitar um abraço
Desta collega serrana
Que se assigna com o pseudo
De Rosa Pernambucana.

Onde está a composição poetica?

Rosa Pernambucana.

(Catende)

2.º torneio

Os votos para o melhor trabalho deste torneio serão recebidos até 30 deste mez.

Correspondencia: — *Mercês, Verda Stelo, Junulino, Mystica, Colibri, Zilda, Ailez e Ivna.*—Recebemos.

Farfalla Azzurra. — São dois premios para as charadistas que decifrarem maior numero de problemas e um para a autora do melhor trabalho. O premio do melhor trabalho foi conferido a *Roitelet.* As outras charadistas obtiveram os premios dos primeiro e segundo logares, pelo maior numero de decifrações que alcançaram e por força do desempate.

Pequitita—Inscripta.

Santinha—Fostes recebida com flores.

Menina de Chocolate—O enygma é o que foi publicado no numero passado, o qual tinha sido encontrado entre a papelada.

Edith de Oliveira.— Inscripta. Cada coupon representa um voto em um problema apenas.

Clio. — Sciente. Sereis attendida opportunamente. Sede feliz em os vossos desejos.

Verda Stelo—Exemplo de anagramma: 4—2— meu amigo, eis a minha mulher. O algarismo quatro indica o numero de letras das palavras a decifrar e o algarismo dois, o de palavras combinadas com as mesmas letras: amigo—*caro;* mulher—*cora.*

Orama.

COUPON
Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º ....

Leiam a revista "A GUERRA EUROPÉA"

COUPON
Torneio Charadistico para moças.
15—9—915

SEXTILHAS

Recitadas numa festa de caridade em beneficio dos flagelados do Ceará

Já não ha fogo na lareira
Nem que comer no velho armario.
O pobre pae, a noite inteira,
Andou carpindo o seu fadario,
A ver si dá pelo sertão
C'um pouco dagua, um secco pão.

Em torno ao fogo, assim sem chamma,
Cae num berreiro a criançada.
O mais pequeno chora e chama:
"Mamãe! Mamãe! E a desgraçada,
Immersa em sua desventura,
Olha, sem ver a noite escura.

Ah! não se póde acreditar
No que se vê de atra desdita
A refulgir no seu olhar,
Cheio de atroz magoa infinita,
Ao ver que aos filhos seus consome
A sêde iniqua, a negra fome!

A manhã clara irrompe. O dia,
Com sua mais brilhante côr,
Aos pobres surge, que ironia!
Qual sonho azul, todo explendor!
A passarada canta fóra,
Em casa, a criançada chora.

Pelas estradas poeirentas,
Com passo tardo, olhar sombrio,
Passam mulheres macillentas,
Olhando o estreito e secco rio,
Levando os filhos pela mão,
A pedir agua, a pedir pão.

Ah! essa estrada assim seguida
Por onde vão, no desalento
De quem não vae chegar com vida,
Tal é da fome o vil tormento,
Parece ser da parca irosa
A negra *Via Dolorosa*.

Já pelas margens dos caminhos
Ficam as mães, ao collo tendo
Os hirtos corpos dos filhinhos
Que ellas, coitadas! vêm morrendo,
Por entre a angustia lacinante
Da dor que sentem nesse instante.

Ricardo Barbosa, nosso companheiro de redacção

Pela campina sem grammado,
Da secca sob a aridez núa,
Vê-se morrer o pobre gado,
Que o vivo sol prostra, extenua.
Por tudo emfim já paira e anda,
Co'aza sinistra, a morte infanda.

Prá o céo agora, em cinza envolto,
Volta-se o olhar da triste gente,
Ora tranquillo, ora revolto,
Na ancia da fome que ella sente!
O' céo atroz! Céo assassino!
Que nos chumbaste a tal destino!

Os homens vivem agrupados
Para a desgraça ser commum.
Todos os meios são tentados,
Mas falham todos, um por um.
E ante o pavor que infunde a morte,
Cessa de todo o animo forte.

Pelo sapé da cordilheira
Do corvo já aza esvoaça,
No seu negror de ave agoureira,
Sombra da morte que alli passa,
Anunciando a triste nova
Dos que alli jazem sem ter cova

Deus, para quem afim se appella,
No desespero extremo agora,
Queda-se múdo e deixa aquella
Dor infinita ir céo á fóra,
Sem que esse appello, emquanto avanca,
Encontre um echo de esperança.

O' vós, que tendes sob a vista
Um quadro assim desolador,
Que alma atormenta, alma contrista,
Assoberbada pela dôr,
Deixae que o vosso coração
Se a abra a quem morre, a pedir pão!

Ricardo Barbosa.

Perante o enygma

Quasi sem dados sufficientes para uma analyse psychologica, muitas vezes julgo acertar nas minhas deducções.

Apenas observando os minimos detalhes physionomicos, convenço-me de que vejo a propria alma.

Como o supersticioso estremeceria de horror sem comprehender o Incognoscivel de Spencer, eu, algumas vezes, pergunto se essa physionomia que actualmente estudo, não apresentará symptomas antagonicos á alma?!

Physionomia singularissima de certo, pois se assim não fosse, o meu espirito exigente não se fixaria na idéa de estudar durante tanto tempo, pesquizando-a minuciosamente, acompanhando-a na mobilidade das expressões.

Aquella fronte parece guardar pensamentos mixtos de bondade e de maldade; é espaçosa e alta — apanagio dos intellectuaes. Os olhos, fulgidos, brilhantes, de uma transparencia admiravel, ora têm lampejos dum sarcasmo profundo e eloquente que me revolta, ora a doçura acariciadora de uma bondade infinita, ora dizem phrases prazenteiras e mentiras ironicas!

E' o fluxo e refluxo do optimo e do pessimo.

A bocca primorosamente fendida, tem, como os olhos, todas as expressões dos sentimentos imperantes. Quando ri, o olhar se illumina e brilha radiosamente.

Então, o riso dessa bocca formosa é franco, serenamente delicioso, inconfundivel e, a palavra expontanea, vibrante, sadia, rematando a vivacidade dum temperamento forte, aos meus ouvidos, sonorisa o canto enervante como o testemunho duma alma feita de essencia primorosa das flores raras.

E' o fluxo do que ella tem de optimo que assisto então. A voz tambem é bella; o timbre sempre o mesmo.

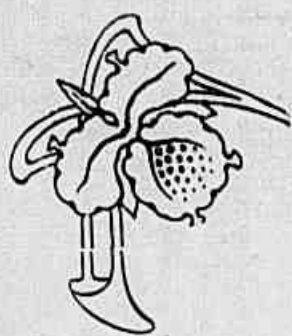
Vejamos agora o que me parece pessimo.

Muitas, muitas vezes mesmo, a palavra reveladora do escarneo máo, sobrepuja aquella que produz o encantamento.

Suspeito um frémito de humilhação e, humilhada insignificante, vou comprehendendo o enorme abysmo que haverá sempre entre mim e esse espirito potente que anima a singular physionomia — espirito que parece ter o prazer de mostrar que é mil vezes superior ao meu!

Porque permaneço completamente extatica perante o enygma, consciente sem ter consciencia (se é possivel o paradoxo?)

Nunca saberei responder!

Risoleta Guimarães.

PIANO

p

p

cresc ......

p

F

dim... .....

p
FIM
F
p
D. C. ao

A Alma do Sabiá

A principio, como se diz na Biblia e nos contos infantis, a principio o sabiá era mudo.

Mudo é um modo de dizer: á tarde, ao voltar para o ninho, já sabia dar aquelles pios tristes e longos que ainda hoje tem, mas era só.

E era motivo de perpetua galhofa para os outros passarinhos ver aquelle individuo tão corpulento e tão pêcco de garganta que até o beija flôr, com o seu cantosinho fino e estridente e o pardal com a sua frase monotona, faziam melhor figura do que elle.

Mas um dia, uma tarde, o sabiá (porque nesse tempo havia um só sabiá, como um só pardal e um só beija-flôr) estava numa larangeira, á beira da estrada, junto a porteira da casa, e vinha passando um cavalleiro, com o rosto ainda voltado para a janella de onde uma linda moça, chorosa dizia-lhe adeuses repetidos.

Eram noivos que se separavam, trocando os derradeiros olhares com tão intima ternura como se quizessem nelle trocar as almas.

Então o sabiá, cruzando a estrada, atravessou aquelles olhares amorosos.

Sentiu-se como traspassado por uma corrente electrica.

Pousou numa larajeira defronte e ao desprender o pio monotono de todas as tardes, entoou, maravilhado, um canto suavissimo, repassado de infinita melancolia, como se fosse a saudade dos amantes que alli estivesse soluçando.

Assim foi que o sabiá começou a cantar.

Lucio de Mendonça.

Senhorita NEMEZIA PALMEIRA
filha do coronel José Ribeiro Palmeira, industrial e capitalista em Areia—Parahyba do Norte

TRONCO D'ARVORE

Para o album de Santinha

Quando a vida era um sorriso ou um casto beijo de aurora, o amor, cheio de viço e pujante, como um rebento de esmeralda, brotou em meu coração.

Vi-o crescer e florir. Os seus ramos vigorosos baloiçavam com ternura doces ninhos de esperança—terno abrigo dos meus sonhos. Era eterna a primavera . . . parecia.

* * *

Um dia, como me lembro! o vento máo da descrença, partiu-lhe, inclemente, o tronco, levando a copa florida no torvelinho cruel.

* * *

Hoje a vida é borrascosa e o coração uma fraga, onde minh'alma entre urzes, com o orvalho do seu pranto, procura reanimar o velho tronco do primeiro amor.

Gentil Malveiros

AVISO

Para evitar abusos e explorações, avisamos aos nossos amigos e ao commercio em geral que o «Jornal das Moças» não tem agente viajante e que os annuncios não são pagos adeantadamente.

São constantes as reclamações que recebemos sobre faltas na remessa do «Jornal das Moças», cuja expedição é feita com o maximo cuidado. Pedimos aos nossos agentes que façam as suas reclamações em carta documentada com todos os esclarecimentos para que possamos agir convenientemente.

Grupo de intelligentes discipulas do maestro Cordiglia Lavalle. Phot-High-Life—Nictheroy.

CLUB RECREATIVO LUZITANO

Aspecto do salão em a noite de 4 do corrente, quando se realisou o sarau dansante

Socios e convidados que compareceram ao sarau dansante em a noite de 4 do corrente mez

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Carlotinha E. F. Barros — Foi um descuido de revisão que motivou a publicação do seu bilhete postal "Amar", sem a sua assignatura. Pedimos desculpas para essa falta involuntaria. Quanto ao retrato não foi pelo motivo que V. Exa. suppõe. Talvez se tenha extraviado. Si estiver em nossa pasta será publicado. Todas as leitoras do "Jornal das Moças" são bonitas, sympathicas, encantadoras e chics . . . Só as feias deixam de ler esta revista. Não está de accordo?

Vera G. P. — Os ultimos desenhos que nos mandou não se prestavam para reproducção. Acceitaremos outros, com prazer.

Eugeny — Recebemos e estamos muito satisfeitos com as promessas que faz da sua preciosa collaboração. Nesta modesta tenda de trabalho V. Exa., só tem amigos e admiradores. O valioso concurso que nos promette agora é um grande motivo de estimulo e animação nesta tremenda epocha de crise geral em que as difficuldades aos emprehendimentos do genero do *Jornal das Moças*, apresentam-se sob diversas formas, intorpecendo a marcha progressiva a que é justo aspirar com dignidade e independencia.

Saint-Claire—E' possivel que se tenha extraviado.

Annibal Neves — Publicamos com prazer, sem respeitar a ortographia, para não anarchisar.

Mariano Campos — Mande-os novamente, pois aqui não chegaram ainda.

Alice Ferreira da Silva, Estella Ferreira da Silva e Maria Magalhães Fontes — Muito gratos pela gentileza de V. V. Exs.; estamos sempre ás ordens.

Nair Santelmo—Na pasta, aguardando julgamento.

Airan Lenar — Recebemos.

Norival — Ainda mais uma vez os nossos agradecimentos. Porque não se dedica a outros metros de versos, apurando um pouco mais o estylo? Perdoe-nos esta pequena observação.

Magnolia Triste — A differença de letra e outros pequenos indicios é que nos levaram a suspeitar que estavamos tratando com um rapaz e não com uma gentil senhorita. No mais sempre ás suas ordens.

Durval dos Santos — Fraquinho. Escreva em tiras de um lado só. O postal serve.

Archiminio Caio — Bom os "Versos a uma morta", salvo o cacophato do titulo, aguardam espaço.

Angela Brandão — Não é possivel publicar todos os postaes em um mesmo numero desta revista porque temos de attender, tambem, a outros. O acrostico occupa muito espaço. No mais as columnas do "Jornal das Moças" estão ás ordens de V. Ex.

Amor de Mascara — Vamos publicar o seu postal em resposta "Ao amor de Princepe" mas pedimos que tenha mais cuidado quando escrever.

Elcio — Os seus versos precisam de grandes retoques e não temos tempo desponivel, agora.

Moacyr, Nestor Guedes e Hugo Macedo — Seus trabalhos ficam esperando a vez.

VIDA DE ROSAS

Viver sobre um leito de rosas é gozar as dulcificas delicias da vida social.

—◎— A nossa dilecta sociedade tem a primazia de "savoir vivre" sobre o leito de rosas das reuniões elegantes e das "soirées chics".

—◎— Que as nossas leitoras despertem em manhã cor de rosas, que se banhem em agua de rosas e que nos leiam vendo cor de rosas estas descoloridas phrases e que passem os dias nadando em mar de rosas, desejamos.

—◎— Vivamos alegres, entre risos e flores, entre festa e prazeres, mas guardando sempre a linha impeccavel da compostura devida.

—<>—

Em 25 deste mez será levado a effeito o festival de caridade em prol dos flagellados do Norte e em auxilio das obras da matriz de Nossa Senhora da Luz, organizada pela Exma. Snra. Elisabeth de Oliveira Faria, no Club Gymnastico Portuguez.

—◎— Como parte principal do festival será representada a opera **"Virga"**, original em um acto do notavel professor Rafaello Perrotta.

—◎— O Sr. Rafaello Perrota dará o seu concurso como tenor e a gentil senhorita Elvira Andrade fará o soprano.

—◎— Auxiliarão tambem a representação da **"Virga"** os Srs Franklin Rocha (tenor), Caetano Silva e Luiz Drummond (tenorinos) e um grupo côral de distinctas senhoritas.

—◎— Uma orchestra de distinctos professores abrilhantará a reunião festiva.

As nossas caridosas e lindas patricias não deixarão de auxiliar esse elevado ideal.

—<>—

Por terem de regressar a São Paulo as illustres familias Alvares Penteado e Paulino Nogueira, offereceram ás pessoas de suas relações um "the'-dançant", no salão do "Jornal do Commercio, á 3 deste mez.

—◎— A reunião esteve assáz encantadora, dançou-se alegremente e mme. Genevieve Vix fez ouvir a sua maravilhosa voz de soprano, cantando "Louise Manon", "Comte d'Hofmann" e a electrisante "Marselheza".

—◎— Ao terminar, as pessoas que se retiravam comprimiam no coração duas saudades: a da elegante festa e a da proxima ausencia desta capital, de tão distinctas familias, que iam regressar ao seio paulista.

—<>—

Temos visto ultimamente muitas senhoras uzando os "borzeguins-fantazia" ou "botas imperiaes" com vestidos e toilettes leves e de seda.

—◎— Lembramos as nossas leitoras que os "borzeguins-fantazia" ou botas imperiaes só devem ser usados com costumes e saias de lã.

—<>—

Deixou gratissima recordação a cordial soirée que a Exma. Sra. D. Rosa Moreira Fiuza, senhora de distinctas e nobres qualidades moraes, offereceu ás suas amigas intimas, em sua residencia, a 7 deste mez, commemorando o seu anniversario natalicio.

—◎— Num convivio elegante e distincto, dançou-se animadamente e ouviram-se bellas canções brazileiras.

—◎— A senhorita Agenora Fiuza, sua dilecta filha executou varias composições ao piano com encantadora expressão e apurado gosto artistico.

E. P.

AVE, MARIA!

O rei dos astros, o aurifulgente sol, prestes a esconder-se no occaso, esparge os seus matizes, os seus placidos e tepidos raios, que beijam ardentemente a terra, qual uma noiva no frenesi da despedida.

A noite estende paulatinamente o seu bello manto de azeviche sobre a terra: os passaros que a pouco soltavam os seus alegres e estridentes chilros calam-se; e os ventos balouçam mansamente a ramagem das arvores.

Além, na branca e nedia torre de rustica e luzidia igreja, resôa o sino da freguezia; e, emquanto Vesper surge toda esplendor e belleza, a natureza toda, na sua magnificencia canta: — Ave Maria!

Nessa hora divina, a briza e os zephyros, ao passarem mansamente, refrescando a atmosphera toda clausurada de vapores quentes, docemente murmuram: — Ave, Maria!

O limpido e subtil regato, deslisando, aqui, placidamente, alli, transpondo

Esthersinha e Francisquinho, filhos do major Francisco Victor d'Assis, residente em Caratinga

cachoeiras e catadupas a bruptas, murmureja: — Ave, Maria!

Além, no mattagal immenso, percorrendo invias azinhagas de ignotas regiões, exhausto peregrino, volvendo os seus bellos olhares ao estrellado ceu, diz: Ave, Maria!

E lá ao longe, em reconditas regiões onde reina a paz e onde tudo solidão e ermo, o pae extremoso, em sua rustica morada, aos filhinhos queridos falla: — Ave, Maria!

E no mar revolto, onde a fragil sacoleva é levada pela terrivel e insana procella, luctando contra as ondas e em medonha e fragosa lide, o velho lobo do mar, contempla o sombrio ceu e reza baixinho: — Ave, Maria!

E na floresta obducta, no seu amago de flores agrestes, a qual copia o pendor e as alternativas da terra, «com a precisão de um decalque,» o furioso vento, perpassando entre as arvores, assobia: — Ave, Maria!

Ave, Maria! deusa sublime, anjo divino, mytho venusto e extraordinario, tu és o genio da alliança, o espargir da melodia.

E's tu que pões em fuga os *lémures* dos impios, dos avaros e dos ingratos, convertendo-os.

Eis como um bardo moderno, em seu formoso buril descreveu a «Ave, Maria!

« Ave! Maria! — No ceu e na terra.
Luz da alliança! Doce harmonia
Hora divina! Sublime estancia!
Bemdita sejas! Ave! Maria!

Manoel d'Oliveira Filho

A espiga que tem semente
Para a terra já se inclina,
Mas a vasia, insolente,
Toda orgulhosa se empina.

Assim tambem, como aquella,
Mostra-se o sabio modesto,
E como esta se revela
O tolo, no andar, no gesto.

Coloniza e Rodolpho, filhos do sr. Nelson de Albuquerque, residente em Areia-Parahyba do Norte

Winda e Walmor, filhos do Sr. Benjamim C. Camozato, agente do «Jornal das Moças» em Cachoeira

A menina Aracy Tofani, filha do Snr. Agostinho Tofani, residente em Juiz de Fóra

O CAROÇO

Um rapazinho chupa uma cereja e expelle da bocca o carôço della; um velho apanha-o no chão e vae enterral-o numa terra lavrada, á vista da creança que se põe a rir daquelle incomprehensivel cuidado.

Passado algum tempo, torna o pequeno a passar pelo mesmo logar e vê que do carôço sahiu um arbusto.

Lá está o velho a contas com elle, limpando-o de ramos e de folhas sêccas; amparando-o contra os perigos das ventanias, defendendo-o emfim contra os possiveis estragos.

— Para que servirá tanta canceira? pensa o rapasito, de si para si.

Mas, annos depois, já adolescente, vindo em marcha por aquella estrada poeirenta, que de ha muito não percorria, repara na arvore coberta de fructos, que saboreia e com os quaes se refrigera; e então comprehendeu a prudencia e sabedoria do velho.

Qual de nós não foi esse rapazinho, esse adolescente? Quantos projectos abandonados ao longo do caminho e que outro, mais avisado, apanhou depois da nossa passagem? A maior parte dos homens vivem ao acaso, sem se lembrarem que toda a semente aproveitada vem a ser a origem de uma colheita, e que a menor das nossas acções é o *carôço donde póde nascer uma cereja!*

QUADROS DA GUERRA

HISTORIA PARA CREANÇAS

Foi um dia uma linda menina, nascida num paiz distante, de sol de ouro e céo azul, coberto de florestas ainda virgens, onde, das arvores seculares, como serpentes vegetaes, pendem agrestes lianas. Nesse paiz maravilhoso e bello em cujas paizagens se destacam altas palmeiras, abrindo, numa primavera sem fim, as farfalhantes aláras, a doce menina teve uma infancia de fada e todos fallavam da suave aureola de bondade que lhe cercava o rostinho de anjo.

Laura era filha de um diplomata e com seu pai viajou por longes terras, percorrendo muitos reinos e ducados. As pompas imperiaes, as etiquetas e requintes de luxo das Côrtes appareciam a seus olhos curiosos como o deslumbrante scenario das historias encantadas. As Rainhas deviam ser as mulheres mais felizes do mundo. Tinham uma porção de damas de honor, de aias solicitas, que lhes adivinhavam os menores desejos. Moravam em palacios de marmore, cercados de parques em flor. Passeavam em bellas carruagens. Possuiam numerosos vestidos qual delles mais rico, de seda, de brocado, de velludo. Sentadas nos thronos, com a corôa, faiscantes de gemmas, á cabeça, lembravam verdadeiras fadas. O sceptro parecia, nas mãos reaes, cheias de anneis, uma dourada varinha de condão...

Grupo de gentis apreciadoras do "Jornal das Moças" residentes em S. Christovão.

Iracema interessante filhinha do Phco. Simão Patricio da Costa Netto Inspector Regional da Instrucção na Parahyba do Norte

Tornando ao paiz natal, Laura trouxe das Côrtes em que estivera, uma impressão que nunca se lhe apagou na memoria.

Quando a velha ama, á noite, para fazel-a adormecer, lhe contava a historia de Branquinha, da Bella-Adormecida, da Gata Borralheira, a boa menina sorria, enlevada até fechar os lindos olhos e dormir como uma ave no ninho. Dormir e sonhar que era uma Rainha, adorada pelo povo, morando num castello de alabastro, resplendente de luz....

O pai de Laura voltou sózinho a seu posto de diplomata. De lá de longe mandava-lhe tudo o que ella lhe pedia, em cartas transbordantes de carinho. E fazia bem. O que Laura queria, Deus queria. Não era vaidosa, nem egoista. Pedia quasi sempre para os outros, para os pobres. E se a cada boa acção praticada ganhasse uma perola, poderia bordar um manto riquissimo como nenhuma princeza ainda arrastou...

Foi nesse tempo que houve no mundo uma grande guerra. O Imperador de um paiz muito forte, que fica para lá de um rio lendario, chamou seus generaes e propoz-lhes a conquista do mundo. Elles aceitaram, sonhando, cada qual, com uma corôa e um sceptro. Reunidos os exercitos, os soldados eram tantos como as estrellas do céo e os grãos de areia nas praias. Cobriam as planicies, os valles, as cidades. Dispunham de armamentos terriveis, de engenhos diabolicos. Para batalhar nos ares, possuiam nús balões

enormes, muito mais possantes do que o passaro Roca. Para combater debaixo das aguas, uns navios compridos como espadartes. Para destruir cidades, canhões colossaes, ao lado dos quaes pareceriam brinquedos as catapultas com que os Cruzados brecharam as muralhas de Jerusalém. Para cégar os inimigos, uns cylindros de aço de cujo bojo sahiam nuvens asphyxiantes, que enchiam os horizontes, como o genio negro da garrafa na historia da Pesca Maravilhosa...

Esse Imperador, para ficar ainda mais poderoso, fez alliança com um outro e com o Sultão da Turquia, promettendo-lhes uma grande parte dos despojos. Mas intimamente, estava, talvez, resolvido a lhes não dar cousa alguma. Depois de vencer as nações adversas, ficaria com ellas e daria, aos generaes de seu paiz, as nações alliadas... Assim, a terra formaria uma patria unica e, não havendo mais fronteiras, tambem não haveria mais guerras. Esse Imperador era amigo da paz...

Tudo combinado, a luta começou, primeiro, contra a Gallia, a Britannia e a Slavia. Mas entre o paiz do ambicioso Imperador e os dous primeiros dos atacados, vivia um povo de sabios e de operarios, de poetas e de lavradores, governado por um Rei magnanimo e generoso que não consentia na passagem dos exercitos invasores. Enfurecido, o Imperador, com as suas hostes innumeraveis, trucidou esse povo heroico, queimou-lhe as cidades e aldeias, destruiolhes todas as riquezas. O Rei lutou como um leão, mas teve de recuar até a orla do mar. Sua coragem salvara o mundo, dando tempo a que os outros se armassem. E a guerra, por isso, durou muito tempo...

Laura soube da maldade do Imperador e seu coração se confrangeu, á lembrança de pequenina nação, laboriosa e socegada, que conhecera em suas viagens. Essa nação, a Belgica, deixára de ser um jardim, perdera suas maravilhas, as usinas borborinhantes de operarios, as escolas cheias de estudantes. Dava, agora o espectaculo de um immenso e tristissimo camposanto. Pelas estradas compridas, apertando os filhos contra os seios mirrados, erravam as pobres mãis, desfeitas em pranto, sem lar, sem pão, tiritantes de frio, vergastadas, nessa angustiosa fuga, pelo vento cortante do inverno. A neve amortalhava os escombros cinereos, as herdades em ruina. A orphandade e a viuvez cobriam de crepe o extincto fulgor das cidades. A miseria, a fome e a morte, como tres irmãs doudas, corriam de mãos dadas pelos caminhos. Da Belgica de hontem, restava apenas, em poder de seu Rei, um recanto marinho, algumas dunas, onde o Monarcha valoroso e nobre pelejava ainda...

Lendo a noticia de tantas desventuras, Laura ficou a scysmar na angustia das mãis errantes. E imaginando a afflicção desses martyres, começou a tecer um cachené de seda e lã, pondo nesse trabalho o maior carinho. Os fios alternavam as cores da bandeira belga. Na cestinha de costura, as meadas cor de ouro, lembrando as riquezas destruidas, se misturavam ás rubras, que recordavam os horrores da guerra. Entre ellas, insinuavam-se as negras, evocando a penuria e a morte. Tricotando, á noitinha, ao clarão da lampada, coado pelo alparluz, Laura estremecia quando entre os dedos ageis e afilados lhe passavam, como filetes de sangue, os fios cor de purpura. Logo buscava acalmar o coração anciado, intercalando flos amarellos na urdidura caprichosa.

Mas entre o ouro e a purpura, nitidas e desalentadoras, as meadas pretas procuravam lugar e, por menos que Laura as empregasse, era essa o cor que mais se destacava...

Quando o cachené ficou prompto, todos o gabaram. Parecia uma tecedura broslada com raios de sol, salpicada de lagrimas de sangue. A extrema delicadeza do trabalho revelava uma paciencia de santa na perfeição de todas as minucias desde o primeiro ponto á ultima franja. E ella o enviou a seu pai, para que este o entregasse á Rainha, pedindo-lhe que o fizesse chegar ás mãos da mais triste de todas as mãis belgas.

Elizabeth, a Rainha, sorrio com infinita doçura:

— Vou mandal-o ao mais joven dos meus soldados. Assim, será consolada um pobre mãi...

Ora, o mais joven de todos os soldados do glorioso e incomparavel paiz que salvou o mundo na grande guerra, era o Duque de Brabante. Contava pouco mais de dez annos e era filho de Alberto e Elisabeth, Reis da Belgica...

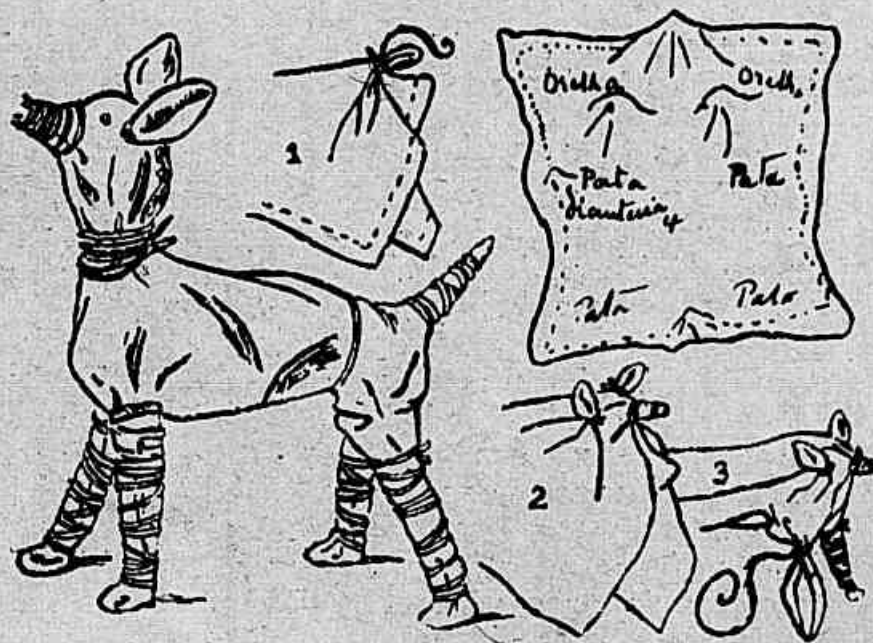
Quando soube da resolução da Rainha, Laura sentiu quanto andava enganada, nos seus lindos sonhos de criança ingenua e compassiva. Uma Rainha podia ser á mais triste das mãis de todo um povo!

E para não sonhar com Elisabeth, debulhada em pranto, que fez do throno um altar, e do reinado um martyrio, Laura, todas as noites, **diz, agora, á velha** ama, depois de desfiar, pelos orphãos belgas, as contas de seu rozario:

— Olha... Não me narres historias mentirosas... Conta-me a de João e Ritinha, a do Pequeno Pollegar... Não acordes a Bella Adormecida...

Castro MENEZES

Um lenço convertido em cão

Um cão que pode adoptar todas as attitudes dos seus congéneres; porém, que não ladra nem morde, é possivel ser fabricado em casa com um lenço qualquer, porque conforme o tamanho do lenço que se empregar, assim se obtem um diminuto fraldiqueiro ou um feroz mastim.

Para lhe formar o fucinho toma-se uma dobra da tela no centro de um dos lados e ata-se com uma cordinha. A fig. 1 indica como se começa a fazer esta parte do animal. As orelhas fazem-se com dois bocadinhos do lenço, como se vê na fig. 2. Para o pescoço enrola-se um bocado de barbante por detraz da cabeça. As pernas dianteiras surgem facilmente com outros pedaços de barbante (fig. 3), e o mesmo processo se segue para as pernas trazeiras; mas para ellas se manterem direitas sempre, é bom pôr dentro de cada uma d'ellas um pausinho maior ou menor, conforme as proporções do cão. Uns lapis usuaes, inteiros, poderão, em muitos casos servir.

Se o lenço é muito pequeno, até bastam uns palitos de dentes. A cauda forma-se de modo analogo ás pernas. Na fig. 4 estão indicadas as diversas porções do lenço que ha a tomar para a construção das differentes partes do cão.

Se o lenço fôr muito fino, tambem é conveniente reforçar a parte do lombo com um pausinho.

O AR

Quando rapidamente agitamos a mão tendo-a aberta, ou quando corremos com velocidade, experimentamos na pelle uma sensação, que nos indica a presença duma materia subtil; a qual, apesar da sua resistencia, tão facilmente se deixa cortar, que, á primeira vista, julgariamos que não existe; succede então o mesmo que acontece quando nos movemos nagua. O nadador, para progredir, é obrigado a deslocar a agua, e esta torna a seu logar apoz elle, passado o impulso. Esta materia subtil, em que, para assim dizer, andamos mergulhados, chama-se o "ar". Muitos affirmam que o ar não tem côr; porém outros dizem que em tempo sereno, limpo de nuvens, quando a vista póde estender-se pelos céos, a côr do ar é visivel nesse formoso azul, que faz crer a muita gente que ha uma abobada immensa por cima de nossas cabeças.

A camada de ar, que nos cerca por toda a parte, e que chamamos commummente "athmosphera" não se eleva a mais de 15 a 16 leguas de altura, e affirmam alguns que não passa de dez leguas. Na atmosphera nadam continuamente vapores, e exhalações de diversas naturezas, salinas, sulphureas, aquosas, terreas etc.; e quantos animaes se lhe não descobrem com o auxilio do microscopio, e até com a simples vista!

Os physicos acharam meio de fazer o vacuo, ou de extrahir o ar do vaso da "machina pneumatica", chamado recipiente. Se neste, introduzirmos uma vela accesa, depois de privada do ar, revemos que logo se apaga; e mettendo-se qualquer animal, em breve exhala a vida, em consequencia da falta do ar indispensavel para a respiração.

Todas as minutissimas particulas de que se compõe o ar tendem continuamente a desviar-se umas das outras, como se fossem impellidas por molas interpostas entre ellas. Daqui vem a tendencia do ar para penetrar por toda a parte, e para evadir-se em todas as direcções. Observamos que as castanhas, deixadas no brazido, sem córte na casca, estouram, porque o ar que encerram, rarefeito pelo calor, tende a evadir-se, e estala a casca, cujos póros mui compactos lhe não dão passagem. Em virtude desta mesma força do ar, a polvora, inflammando-se num tubo,desp ede o chumbo assassino. O ar finalmente introduz-se em toda a parte, todos os corpos encerram uma porção delle: e da sua elasticidade ninguem duvidará, porque todos sabem que uma bexiga cheia de ar é susceptivel duma compressão ás vezes bastante forte.

O ar é transparente, porque não intercepta os raios luminosos: a camada de ar que separa dois corpos não impede que se vejam um ao outro.

O ar é "ponderavel"; póde pesar-se; o que se demonstrou numa bola ouca de vidro pesada primeiro cheia de ar, e segunda vez depois de lh'o extrahirem. No segundo caso, achou-se mais leve. Torricelli, discipulo do famoso Galileu, descobriu o peso do ar no meado do seculo XVI, e este descobrimento deu de si a utilissima invenção do barometro.

Como o ar é pesado exercita uma pressão nos corpos que lhe estão sottospostos. Esta pressão sobre toda a superficie do corpo dum homem de mediana estatura calculou-se num peso de 37 mil libras: porém esta massa enorme não póde esmagar-nos, porque obrando em todos os sentidos compensa-se e destroe-se; e além disso a força elastica do nosso corpo exige precisamente esta resistencia para manter-se em um justo equilibrio. O ar que penetra em o nosso interior em um justo equilibrio. O ar que penetra em o nosso interior pela respiração exercita uma pressão opposta á exterior. Esta pressão é tão necessaria que, diminuindo por qualquer motivo, nos achamos incommodados. Subindo-se a certa altura na atmosphera ou em balões ou trepando altissimas montanhas, diminuindo então a intensidade da columna de ar, a respiração se difficulta, e as forças se esgotam; e se se continuasse a subir, a final o sangue rebentaria por todos os póros.

E' tambem por effeito do peso do ar que a agua sobe nas bombas de embolo. Da mesma causa procede a ascenção dos balões ou aerostatos. Estes constam dum globo fabricado de ordinario de tafetá bem tapado e encerado, ou tambem de papel; por debaixo do globo está suspensa a barquinha, em que vae a pessoa, que quer dirigir a machina. O balão vae cheio dum fluido, chamado "gaz hydrogenio", que é pelo menos sete, oito, e até dez vezes mais leve que o ar, conforme as preparações; de fórma que a machina se sustem sobre as camadas inferiores do ar, e sobe, absolutamente como um corpo mais leve que a porção d'agua que desloca sobre á superficie della depois de o descerem ao fundo. Quando o balão chega a uma região, em que o ar atmospherico que desloca se acha precisamente egual ao seu peso, fica em equilibrio. Para descer, o aeronauta larga um pouco de gaz por meio duma valvula; então o balão perdendo na sua "leveza" pela diminuição do seu "enchimento" ou volume, desde vagarosamente, sobre tudo quando é dirigido por mão habil. Por meio destas viagens aerias tem a sciencia adquirido conhecimentos ácerca da atmosphera.

O ar não é um corpo simples, como suppunham quando reinava a doutrina dos quatro elementos. Os chimicos modernos acharam meio de o analysar. Compõe-se de tres principaes elementos, chamados gazes; o "azoto", que entra em mais de tres quartas partes na composição do ar; o "oxygenio", que faz pouco menos da quarta parte; e o "gaz acido carbonico" que faz uma centesima parte. O primeiro, o "azoto" é de natureza tão mortifera que, se fosse respirado só, suffocaria subitamente, e comtudo entra por 78 partes sobre 100 no ar, que respiramos. O segundo, o oxygenio, entra com 21 partes em 100; mas seria (para assim dizer) respiravel de mais, consumiria cedo a nossa existencia. O terceiro, emfim, serve, de algum modo, para ligar os outros dois; e estes principios, reunidos nas proporções, que indicámos compõem um ar puro, meio que conserva e mantem a vida dos animaes, que nos transmitte os sons, os cheiros e a luz, que dá á terra a sua fertilidade, e que produz as variações da temperatura.

ANDORINHAS

Aos ultimos clarões de Apollo, um dia
Eu, scismando, fitava o firmamento
Por onde um banho de andorinhas ia
De azas espalmas, num ruidoso alento.

Ella; a quem poz no exilio a mãe impia,
Então fluctuava no meu pensamento
Como em lagôa placida e sombria
Fluctuam algas á mercê do vento.

As andorinhas, céleres, vagando,
Todas reunidas num airoso bando,
Fugiam lentamente ás vistas minhas...

E eu desejava, para junto d'"Ella"
Partir, fugindo á dor que me flagella,
Ter duas azas como as andorinhas!...

Andarahy, Julho de 1915

Archimimo Calo.

SONETOS

MARINHA

Deslisa um barco, as velas distendidas
Pela brisa marinha, doce, amena,
Canta o barqueiro uma canção pequena
Toda cheia de estrophes doloridas.

Por sobre o manto azul da agua serena,
Passam gaivotas brancas, distrahidas...
E das nuvens, de opalas, coloridas
A lua surge illuminando a scena!

Minh'alma soffredora nesse instante,
Evoca as tuas juras bandoleiras
Esmagada por uma immensa dor!...

Ai! nesse barco que lá vae, distante,
Fugindo vão as illusões primeiras
Com que adornei o meu primeiro amor.

Junho de 1915.

Amelia Napoli.

VAIDOSA

E's vaidosa, és altiva e de mim fazes
Triste juizo pelo mundo inteiro;
Mas esse orgulho que em tua alma trazes
Eu vejo sempre nobre e sobranceiro...

Pódes dizer tudo o que se não diz,
Votar-me até desprezo atroz, profundo,
Porque jamais serei tão infeliz
Que o orgulho teu não gose mais no mundo!

Pódes tu mesma criticar-me a vida
Transformar-me, da noite para o dia,
Em feio insecto, em repellente lesma,

Que a mim não priva de dizer, querida:
«Não ha na vida gente mais *vasia*
Que essa que vive *cheia* de si mesma!

José Carlos da Silveira Reis.

EM PRESENÇA DE DEUS

(Imaginando o premio de minha nullidade)

Minha alma e as de outros mais, p'ra julgamento,
Vão de uma leva ao tribunal celeste;
Uma a uma argúe Deus: — Que é que fizeste?
E mil peccados vai ouvindo, attento.

Mas, das mil culpas, cada juramento
De um beneficio a confissão reveste...
E Deus sorri e ordena que eu lhe preste,
Por minha vez, o meu depoimento.

E eu lhe disse: — «Si bem não fiz no mundo,
Tambem confesso, em minha consciencia,
Que em praticar o mal não fui fecundo...

— Pedro, vem cá (resolve o Padre Eterno):
Acolhe aquellas almas com clemencia
E manda esta outra inutil para o inferno.

O. Ferreira.

O ETERNO SUPPLICIO

Para Abner Mourão

Brilhou no céo azul uma formosa estrella,
...Desde esse dia então, comecei a sonhal-a
Recebendo o fulgôr e sem poder contel-a
Inteira, na minh'alma em ancias de buscal-a.

Maravilhada, ascende, em anceio de vêl-a,
Quero sentir a luz que rubente me embala
Quasi perco a razão e não posso retel-a
Pois, meu sêr na tortura asperrima, resvala.

Corre em delirio máo, raivosa e já sem força
D'uma luta sem fim affronta pelo espaço
Onde a soberba estrella a fugir, como côrsa,

Só deixa o desespero em meu sonho e, a seguil-a,
Sem cessar, vivo sempre entre os versos que faço
A' luz, á pura luz e não posso attingil-a!

Violeta-Odette.

AMOR

Amor... o que é o amor? Sabe alguem, porventura
Decifrar este enigma e dizer com firmeza,
O que é o amor? Não ha, tenho quasi a certeza,
Em todo este universo, uma só creatura.

Para uns, o amor é uma suprema ventura,
A lei da humanidade em face da Belleza,
Para outros, porém, que vivem na incerteza,
O amor è simplesmente, uma doença sem cura.

Nas proprias reflexões dos velhos pensadores,
Que enchem completamente um bando de alfarrabios
Não se encontra do amor a real solução.

E' que, o amor, em geral, tem diversos sabores,
Quando a palavra amor nos vem á flor dos labios;
Já de ha muito feriu bem fundo o coração.

Alfredo Breda.

CONSOLAÇÃO

Quando para esquecer as minhas dores,
E me esquecer, de vez, das magoas minhas,
Fiz-te a Venus feliz dos meus amores.
— Não sabia, formosa, de onde vinhas!

Puros eram os olhos scismadores
Com que num sonho ardente me entretinhas!
E eu não julgava n'elles taes fulgores!
E nem que uns olhos taes, formosa, tinhas!

Mas por ventura minha e meu consolo,
Castalia, no teu beijo, deu-me Apollo!
E canto no teu riso deu-me Orpheu!

Achei o lenitivo procurado...
E se a gloria perdi mesmo ao teu lado!
A teu lado senti que a paz nasceu!

Manoel Moura.

DE TUDO UM POUCO

As officinas de Bertha

A guerra actual fez recordar que a artilharia mais mortifera, os famosos morteiros de 420 que conseguiram vencer a heroica resistencia dos fortes da Belgica, sahem das officinas de uma joven senhora.

Hoje, de facto, a proprietaria das famosas officinas allemãs de Essen, é Bertha Krupp, a quem o matrimonio tornou baroneza Von Bohlen und Halbach. Mas para o mundo estupefacto e, principalmente para os allemães, as officinas de Essen conservam ainda o antigo nome de Krupp e a baroneza proprietaria é ainda chamada familiarmente Bertha Krupp. E com o nome da unica herdeira do famoso industrial allemão foram baptisados os novos morteiros que são até hoje a maior revelação da guerra actual. Para quem tem uma idéa a respeito do que seja a artilharia moderna de dimensões mastodonticas, os grandes canhões de sitio e navaes e todos os outros semeadores de morte que a civilização humana soube forjar para se voltar contra si mesma, não é difficil imaginar as proporções, o mechanismo, o trabalho colossal das officinas que taes instrumentos de destruição extrahem do metal bruto, para depois alcançar a mais alta perfeição. Avalanches de metal liquido partem de grandes reservatorios em brasa e se precipitam para as fôrmas que esperam. Por toda a parte ha fragor dos malhos e o estrépito das machinas de precisão. Ao lado das salas immensas em que as peças apenas sahidas das fôrmas recebem o primeiro esboço, estão as officinas de acabamento, os cerebros e as mãos que preparam os minusculos detalhes para o disparo, que são como que a alma das armas mais formidaveis.

Em torno, colossaes, erguem-see os guindastes que levantam toneladas e tonelladas de aço com a mesma facilidade com que nós levantamos um livro. Um conjuncto de machinas prodigiosas permitte tratar os mais tenazes metaes como se fossem da materia a mais maleavel. As couraças de aço, que têm que resistir ás mais poderosas artilharias, são plainadas, recurvadas, furadas com uma facilidade surprehendente.

Hoje, as officinas Krupp trabalham só para a Allemanha, ou no maximo, tambem para a Austria-Hungria. Mas antes da guerra, quasi todos os paizes que não possuiam fabrica proprias, faziam as suas encommendas para os seus exercitos em Essen.

Agora mesmo, com a entrada da Turquia na guerra, as officinas de Essen estão fornecendo o exercito turco.

E' desnecessario acrescentar que a propriedade das officinas Krup representa milhões e milhões.

Embora trabalhando para todos, as officinas Krupp reservaram, como era natural, a sua melhor producção e mais poderosa ao exercito do Kaiser.

◆◆◆

Costumes entre os barbaros

Os borguinhões mandavam raspar os cabellos e fustigar pelas ruas as mulheres turbulentas.

No começo da nossa democratissima e civilisada Republica esse barbaro costume foi posto em pratica em alguns Estados.

Seria mergulhado no rio quem blasphemasse contra Deus ou contra a Virgem.

O depoimento de um sacerdote equivalia a de dois outros seculares.

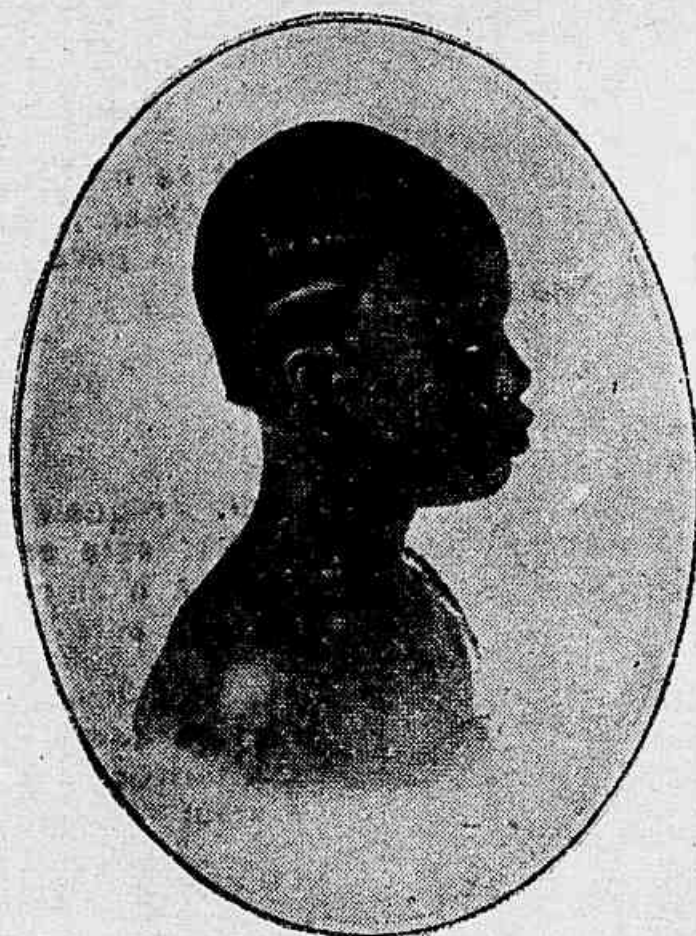
◆◆◆

Velocidade das estrellas cadentes

A velocidade das estrellas cadentes está calarlada entre 3,3 a 7 myriametros por segundo, sendo a do movimento de traslerção da terra de 3 myriametros sómente.

◆◆◆

As venus negras

O explorador norte-americano Hurst Parker realisou ultimamente uma interessante excursão de estudo na Africa Central. Entre os mais curiosos typos ethnicos estudados por elle figuram as

tribus dos "maneyemas" do largo Tanganilra, terriveis antropohagos e os "angoni", do Norte de Zambezé, cuja ferocidade não pôde ser ainda atenuada pelo contacto de quasi meio seculo

com outras tribus mais civilisadas. As duas photoraphias juntas, apresentam aos nossos leitores dois curiosos "especimens" da venus negra.

RECEITAS

Pato á italiana

Cosinha-se com um copo de vinho branco e outro de caldo, pimenta e sal; escorre-se o caldo para tornal-o mais grosso, ajuntando-se duas colheradas de azeite, salsa, cebolinha, um dente de alho, esgarico picado e uma boa colherada de farinha e serve-se o pato em cima deste molho.

Outras pessoas accrescentam crostas de pão ralado e um ou dois ovos batidos.

◆◆◆

Perdiz de molho verde

Assam-se as perdizes. Depois de assadas. põem-se ao fogo, em uma vasilha, um pouco de azeite, com um fio de vinagre e uns grãos de pimenta, e deixa-se ferver. Desde que ferva, tira-se do fogo. Pica-se, então, cebola miuda, juntamente com folhas de salsa. Deitam-se primeiro acebola e salsa sobre a perdiz, e depois o môlho em frio. Servem-se frias.

◆◆◆

Compota de pecegos assados

Tomai o numero de pecegos que julgardes conveniente e assaio-os no rescaldo por todos os lados, lannçaio-os depois o mais promptamente possivel em uma vasilha de porcellana, deitai sobre elles uma boa quantidade de assucar refinado e um pouco d'agua, quanto baste para desmanchar o assucar.

Vão ao fogo, meche-se sempre para não pegar e depois de terem fervido deixa-se esfriar.

Na hora em que se quizer servir esta compota, espreme-se em cima dos pecegos o sumo de uma laranja ou de dois ou tres limões.

◆◆◆

Pudim de tapioca

Quinhentas grammas de tapioca, 500 de assucar, 50 de manteiga, meia garrafa de leite, uma duzia de ovos, uma pequena quantidade de côco ralado. A tapioca deixa-se antes de molho para amollecer.

Põe-se em fôrmas e vai ao fôrno brando.

◆◆◆

Bolo Bahiano

Doze colheres de fubá de arroz, 12 ditos de assucar, 1 chicara de leite de côco, 4 colheres de manteiga, 4 ovos; batem-se primeiro as claras, juntam-se as gemmas, depois o assucar, o fubá e a manteiga e por ultimo o leite; bate-se tudo muito bem e vai depois ao forno, em fôrma untada de manteiga.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 30